

lc

o remédio para a

praga

As três flechas de Deus | Vol. 2

William Gouge



Incentivamos qualquer tipo de divulgação deste material. A verdade não é propriedade de homem algum, e, portanto, não deve ter a sua circulação restringida.

“De graça recebestes, de graça dai”.

Mateus 10.8

Título:

As Três Flechas de Deus, Vol. 2: O remédio para a praga
1ª Edição - Junho de 2021

Autor:

William Gouge

Título original:

God's Three Arrowes: Plague, Famine, Sword, In three
Treatises. I. A Plaister for the Plague. II. Dearth's Death. III.
The Church's Conquest over the Sword.

- 1636 -



ÍNDICE

§ 37. Da similaridade entre a oração e o incenso.....	5
§ 38. Do incenso tipificando Cristo.....	6
§ 39. Da virtude da intercessão de Cristo para apaziguar a Deus.	9
§ 40. Da vaidade da mera intercessão da criatura.....	10
§ 41. Do escopo da última cláusula do verso 46.	14
§ 42. Do sentido dessas palavras: “a ira saiu do Senhor”	15
§ 43. Da ira atribuída a Deus.	16
§ 44. Da legitimidade da ira.....	19
§ 45. Do lamentar pelas provocações contra a ira de Deus.....	23
§ 46. Dos pecados que mais provocam a ira de Deus.....	25
§ 47. Das causas da ira de Deus entre nós.	31
§ 48. Do tipo de praga aqui mencionada.	36
§ 49. Da praga como um efeito da ira de Deus.	39
§ 50. Das aflições como efeitos da ira ou do amor.....	40
§ 51. Dos deveres a serem realizados quando a praga se inicia.....	42
§ 52. Do terror do início dos julgamentos de Deus.	43
§ 53. Do significado e método do verso 47.	46
§ 54. Da obediência às direções dos governantes.....	49

§ 55. Do exigir corretamente a obediência nas circunstâncias.....	50
§ 56. Do perigo da obediência insuficiente.....	52
§ 57. Do respeito devido à cada parte daquilo que nos é ordenado... 54	
§ 58. Da rapidez em aliviar o aflito.....	55
§ 59. Do perigo da demora para socorrer.	56
§ 60. Do rápido socorro.	57
§ 61. Da coragem que uma boa autorização oferece.	58
§ 62. De pessoas públicas se absterem de visitar pessoas particulares infectadas com doenças contagiosas.	61
§ 63. Da substituição de outros no lugar de alguém no momento do perigo.	62
§ 64. Da observação dos julgamentos de Deus.	63
§ 65. Do sentido e escopo do verso 48.....	65
§ 66. Do uso dos meios para preservar os vivos.....	67
§ 67. Do uso dos meios em casos desesperadores.....	68
§ 68. Da eficácia dos meios corretos.	71
§ 69. Do poder de Deus sobre as pragas.	73
§ 70. Do significado do verso 49.....	75
§ 71. Do devorar da praga.....	78
§ 72. Do terror de uma praga.....	82
§ 73. Dos muitos meios que Deus tem para destruir os homens.	83
§ 74. Do sangue de outros que os principais trazem sobre si.	85

§ 37. DA SIMILARIDADE ENTRE A ORAÇÃO E O INCENSO.

Tendo tratado a respeito dos meios de expiação aqui prescritos por *Moisés*, segundo a letra da história, nos esforçaremos mais para revelar o mistério contido sob ela.

O meio principal foi *oferecer incenso*. Isso pode ser considerado como um *culto* a ser feito pelo homem, ou como um *tipo* legal da verdade evangélica.

Como um *culto* ou dever a ser executado da parte do homem, ela estabelece a *oração*.

Como um *tipo*, ela prefigura a *intercessão de Cristo*.

Que essa história estabelece a oração se evidencia pela aplicação do *Salmista* de um ao outro, quando ele diz: “*Que a minha oração seja colocada diante de ti como incenso*” (Sl. 141.2). Isso também é expresso pelo Senhor, onde Ele diz: “*em todo lugar incenso será oferecido ao meu nome*” (Mt. 1.11).

A similaridade da oração com o incenso é, em muitos aspectos, muito adequada. Pois,

1. A especiaria da qual o incenso era feito deveria ser *moída muito fino* (Êx. 30.36). Assim também o coração, do qual a oração vem, deve ser “*um coração quebrantado e contrito*” (Sl. 51.17).

2. O *fogo* deveria ser colocado no incenso, e com ele o incenso queimava (Lv. 16.13). Assim também a *fé* (Mc. 11.24; Tg. 1.16) e o *fervor* (Tg. 5.16) devem ser adicionados à oração, através dos quais ela ascende até Deus.

3. O incenso deveria ser queimado *sobre o altar* (Êx. 30.7), ou em um *incensário* (Lv. 16.12), como *Moisés* ordenou aqui a *Arão*. Assim também devem as nossas orações ser oferecidas sobre o altar, que é *Jesus Cristo* (Hb. 13.10), aqui Ele que é também um *incensário* (Hb. 9.4).

4. Sendo aceso o *incenso*, uma espessa nuvem de incenso subia (Ez. 8.11). Assim também as orações fiéis e fervorosas ascendem até o céu, onde Deus está (Ap. 8.4; 2 Cr. 30.27; Jn.2.7).

5. O *incenso* causava um perfume e cheiro *suave* (Lv. 16.12). Assim também a oração é *agradável* e *aceitável* a Deus (Jó 42.8; Sl. 69.31).

6. O *incenso* era um meio para pacificar a ira de Deus, como também aqui no texto (Lv. 16.13). Assim também a oração. Pela oração de *Moisés*, a ira de Deus foi apaziguada (Êx. 32.14).

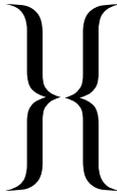
7. O *incenso* deveria ser oferecido somente pelos sacerdotes (Nm. 16.40). Assim também todos os santos são feitos *sacerdotes* espirituais (Ap. 1.6), e assim se tornam apropriados para oferecer o incenso espiritual da *oração* (1 Pe. 2.5).

§ 38. DO INCENSO TIPIFICANDO CRISTO.

Que o *incenso* era um tipo de Cristo, pode ser deduzido pela especificação do Apóstolo quanto ao *incensário de ouro* (Hb. 9.4), o qual existia somente para o incenso, entre outros tipos legais de Cristo. O *incensário* de ouro era um tipo por razão do *incenso*, para o qual ele foi feito; portanto, o próprio incenso deve ainda mais ser um tipo. Se for questionado sobre como um e o outro poderiam ser um tipo de Cristo, eu respondo: [eles podem ser um tipo de Cristo] em consideração a vários assuntos pertencentes a Cristo. Alguns tipos estabelecem uma das naturezas de Cristo, outros a outra. Alguns [tipos estabelecem] a Sua pessoa, outros o Seu ofício; de novo, outros os benefícios especiais que a Igreja recebe através de Cristo. Em uma palavra, os vários e diversos tipos debaixo da Lei estabelecem várias e diversas excelências que há em Cristo, bem como os vários e diversos benefícios que se derivam dEle.

Para que a correspondência dos tipos aqui mencionados possa ser melhor discernida, irei comparar e demonstrar o *incenso*, *incensário*, *fogo* e *altar*, de modo que, com boa probabilidade, possam ser aplicados a Cristo.

1. O *incenso* era feito das melhores especiarias no mundo (Êx. 30.34, 38). Não poderia ser feito perfume semelhante.



1. Cristo era “o principal entre dez mil” (Ct. 5.10). “Mais belo do que os filhos dos homens” (Sl. 45.2). Ninguém é semelhante a Ele.

2. O *incenso* deveria ser moído muito fino (Êx. 30.36).



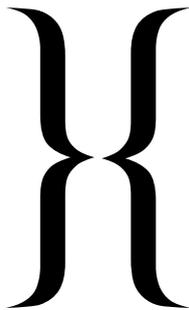
2. Cristo foi ferido por nossas iniquidades (Is. 53.5).

3. O *incenso* queimava com *brasas de fogo* (Lv. 16.12).



3. A morte de Cristo foi uma morte atormentadora. Ele era “um tição tirado do fogo” (Zc. 3.2).

4. O *incenso* era colocado em um *incensário* (Lv. 16.12). O *incensário* era de *ouro* (Hb. 9.2). Assim também era o *altar* sobre o qual ele deveria queimar (Êx. 30.1).



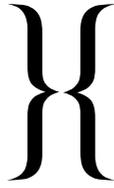
4. Cristo “pelo Espírito ofereceu a si mesmo” (Hb. 9.14); nada pode ser mais precioso, mais durável do que este. Em *Apocalipse* 8.3, um *incensário* e um *altar* são expressamente aplicados a Cristo.

5. O *incenso* era trazido perante o Senhor, no santíssimo lugar (Lv. 16.13).



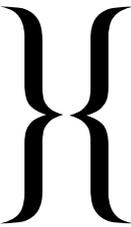
5. Cristo está nos céus, diante do Seu Pai, à Sua *destra* (Hb. 8.1).

6. A fumaça do *incenso*, como *uma nuvem*, cobria o propiciatório (Lv. 16.13).



6. A intercessão de Cristo, da mesma maneira, cobre o trono da graça no céu, de modo que os nossos pecados não sejam vistos (Hb. 1.3; Is. 4.5).

7. A emissão do *incenso* era mui suave. Por isso era chamado de *incenso suave* (Êx. 35.28).



7. A intercessão de Cristo é mui agradável a Deus (Jo. 11.42; 16.23). *A alma de Deus se deleita nEle* (Is. 42.1). *Ele é o Seu Filho amado, em quem se compraz* (Mt. 3.17).

8. O incenso era espargido *com sangue*, no santíssimo lugar.



8. Cristo, *por Seu próprio sangue*, entrou no santo lugar (Hb. 9.12). Satisfação e intercessão andam juntas.

9. Oferecer incenso era um meio de expiação entre Deus e o homem (Nm. 16.48).



9. Cristo *é a propiciação pelos nossos pecados* (1 Jo. 2.2). *Por Ele somos reconciliados com Deus* (Rm. 5.10); *e recebemos a expiação* (v. 11).

10. O incenso deveria ser oferecido somente por um *sacerdote* (2 Cr. 26.18).



10. Cristo é o verdadeiro sacerdote (Hb. 8.1). Cabe a Ele fazer intercessão. Nenhum anjo, nenhum santo pode fazer isso.

Sendo o *tipo* aplicado dessa maneira à *verdade*, nas circunstâncias particulares dela, insistiremos especialmente na substância principal aqui intencionada, que é o verdadeiro meio pelo qual Deus é apaziguado, tipificado aqui por *Arão* oferecendo o incenso, a saber, a intercessão que Jesus Cristo, o Filho amado de Deus, faz pelos pecadores.

§ 39. DA VIRTUDE DA INTERCESSÃO DE CRISTO PARA APAZIGUAR A DEUS.

Cristo, por meio da Sua intercessão, é o único meio verdadeiro para apaziguar a Deus. Todos os ritos legais instituídos com este propósito foram tipos dEle. Pois toda a Lei era *uma sombra “das coisas futuras, mas o corpo é de Cristo”* (Cl. 2.17). Ele é aquela *semente da mulher que feriria a cabeça da serpente*, e assim destruiria quem o odiava (Gn. 3.15). Ele é aquela *semente de Abraão*, na qual todas as nações seriam abençoadas, por razão da Sua *expição* (Gl. 3.16). Ele é o *sacrifício propiciatório* (Hb. 10.10), Ele é a *água purificadora* (Ef. 5.26), Ele é o *incenso*, Ele é a *serpente de bronze*, pela qual são curados aqueles que são picados pelo pecado e Satanás (Jo. 3.14, 15). Para não nos determos em outros tipos: *“Ele é a nossa paz”* (Ef. 2.14); *“Ele é a propiciação pelos nossos pecados”* (1 Jo. 2.2); *Ele é o “Mediador entre Deus e os homens”* (1 Tm. 2.5); *“Deus [...] nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo”* (2 Co. 5.18); *“a quem Deus estabeleceu para ser uma propiciação”* (Rm. 3.25). Portanto, *“havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-se à destra da Majestade nas alturas”* (Hb. 1.3), onde Ele *“vive sempre para interceder”* por nós (Hb. 7.25). Sobre este fundamento, o Apóstolo faz esse santo desafio: *“Quem é o que condenará? É Cristo que morreu, sim, que foi ressuscitado, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós”* (Rm. 8.34). Dessa forma, nós vemos quão abundantes e evidentes as Santas Escrituras são quanto a esse princípio da nossa fé cristã.

Sendo Cristo *verdadeiramente Deus* (1 Tm. 3.16), o *filho amado* de Seu Pai em quem Ele se compraz (Mt. 17.5), e tendo pelo Seu *próprio sangue obtido eterna redenção* (Hb. 9.12), Ele possui poder e direito de mitigar o fogo da ira de Deus e fazer paz entre Deus e

o homem. A dignidade da Sua pessoa e toda-suficiência do Seu sacrifício abriram caminho para tal. O mesmo não pode ser dito justamente a respeito de qualquer outro meio que exista, seja no céu ou na terra. Por isso, “há um só Mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus” (1 Tm. 2.5).

§ 40. DA VAIDADE DA MERA INTERCESSÃO DA CRIATURA.

Aqueles que amontoam aos seus outros pecados o alto tom de presunção da *intercessão dos homens ou dos anjos*, certamente mais inflamam do que apaziguam a Deus. Pode o incenso inventado pelo homem, oferecido com fogo estranho, pacificar a ira de Deus? Pois a intercessão de homens e de anjos é uma mera invenção humana. Nenhum papista poderia dar qualquer boa prova de que isso vem de Deus, nem poderá jamais dar no futuro. Aquilo que não está na Palavra de Deus não pode ser extraído dela. Isso é um *fogo estranho* que devorará aqueles que fazem uso dele, como o *fogo que saiu de diante do Senhor e devorou Nadabe e Abiú* (Lv. 10.1, 2), e como aquele que “*consumiu os duzentos e cinquenta homens que*”, estando na conspiração de Corá, “*oferciam o incenso*” (Nm. 16.35); incenso que inflamou muito a ira de Deus. Vamos raciocinar um pouco junto aos nossos adversários: por que eles não se contentam com o puro e suave incenso que Cristo, o nosso grande Sacerdote, oferece? Ele não é suficiente? Algo a mais é necessário? Pode ser adicionada qualquer coisa à dignidade e eficácia daquilo que Cristo faz? Pode o homem ou anjo fazer qualquer coisa a mais do que o Deus-homem? É qualquer um deles mais amado pelo Pai do que Ele?

Porém, eles aparentam verdadeira humildade. Os homens pecadores são indignos de prosseguirem até tão digno Mediador, como o Filho de Deus. Por causa disso, eles têm os *espíritos dos homens justos aperfeiçoados no céu* (Hb. 12.23) e os santos anjos como seus mediadores.

Resposta 1. Aparência de humildade sem a Palavra autorizada de Deus é elevada presunção. Ele adequadamente chamou esse tipo de humildade como *uma exibição* ou *uma máscara de humildade*, humildade enganadora¹. E Ele, mais excelentemente, cunhou uma nova palavra, composta parte do grego e parte do latim, chamou isso de *thele-humilitatem*, *humildade voluntária*, humildade planejada ou artificial, a qual é uma simples e palpável arrogância.

2. Embora os anjos e os santos no céu sejam mais perfeitos do que os homens na terra, ainda assim, eles não são dignos de tal ofício, como serem *Mediadores* e *Intercessores* para outros em relação a Deus. Caso contrário, esse ofício de *intercessão* é excessivamente vilipendiado, ou as criaturas são excessivamente dignificadas e deificadas ao tomá-las como *intercessoras* em relação a Deus.

3. Cristo priva-se de uma das Suas primordiais funções e honras, caso as atribua a outros, ou, pelo menos, tem co-participantes e assistentes juntamente com Ele, o que seria uma intolerável presunção.

4. O amor de Cristo para com o homem é, por meio disso, excessivamente desacreditado. Pois Ele foi feito *semelhante aos Seus irmãos*, para que fosse um *sumo sacerdote misericordioso e fiel nas coisas pertencentes a Deus* (Hb. 2.17). Se necessitarmos de outros mediadores além dEle, o fim de tomar a nossa natureza sobre Si é

1 - *Hypocrisin humiliatis*. Occumen. em Cl. 2.19

frustrado. Para qual fim Ele teria sido feito homem, se houvesse necessidade de outros mediadores para nos apresentar até Ele? Em que se evidencia que Ele é tão misericordioso, senão em que, não tendo nós acesso a Ele, o mesmo se fez como um de nós, *um Filho do homem*?

Sendo evidentemente reveladas a nós pelo Evangelho a excelência, necessidade, suficiência e utilidade da intercessão de Cristo, nos é oportuno dar atenção a isso e sermos instruídos nisso, visto que podemos, em todas as nossas necessidades, sabiamente utilizar disso e confiantemente crermos nisso.

Sabiamente se utilizam disso aqueles que, em todas as ocasiões, quando se aproximam de Deus, têm os olhos da alma fixados em Cristo no céu, à destra de Deus, e que, fazendo intercessão e por meio da Sua mediação e intercessão, apresentam suas pessoas, suas orações, e todo seus santos serviços a Deus Pai. Especialmente quando a ira de Deus é provocada e quando qualquer sinal dela começa a se manifestar, então, humilham as suas almas diante do trono de graça; então, por meio da intercessão de Cristo, almejam a misericórdia e o perdão. Aquela forma com a qual a Igreja costumava concluir suas orações (“*por meio do nosso Senhor Jesus Cristo*”) é uma forma digna e pertinente quanto ao ponto em questão. No uso das palavras, o nosso coração deve se elevar até Cristo e estar naquEle que se assenta à destra de Deus. Sim, embora tais palavras não sejam sempre expressadas, ainda assim, toda petição feita a Deus, toda ação de graça oferecida a Ele, toda coisa na qual temos que tratar com Deus, deve, na mente e no coração, ser realizada por meio da mediação e intercessão de Cristo. Lemos a respeito do *incenso ofertado com as orações dos santos, cuja fumaça subia diante de Deus* (Ap. 8.3, 4). Esse incenso é a intercessão de Cristo.

Confiam na Sua intercessão aqueles que não utilizam qualquer outra coisa além dela, e no uso dela, descansam confiantemente em que serão aceitos. Assim nós podemos, assim nós devemos fazer. Podemos fazer isso porque qualquer coisa que esteja em nós para nos desencorajar, ou qualquer coisa que nos faça duvidar da aceitação, é tão abundantemente suprida em Cristo, que toda matéria de dúvida e temor é, por meio disso, removida. Devemos fazer isso por causa da honra de Cristo, por causa do conforto de nossas próprias almas. Cristo é muito honrado pela firme fé dos Seus santos. Por meio dela, a dignidade da Sua pessoa, o mérito do Seu sacrifício, o favor do Seu Pai, a eficácia da Sua intercessão, e outras das Suas excelências divinas são reconhecidas. A alma daquele que, em fé, espera por meio da aceitação de Cristo, não pode ser demasiadamente confortada. *Estêvão*, mesmo quando seus inimigos maliciosos “rangiam os seus dentes sobre ele”, “viu [...] Jesus em pé à destra de Deus”, e isso o encorajou e confortou muito (At. 7.54, 55). O caso de *Estêvão* foi extraordinário. Pois os céus estavam verdadeiramente, realmente abertos, e Cristo, naquele corpo com o qual foi visto na terra, e com o qual ascendeu até o céu, apareceu a ele, estando nos mais altos céus. A visão de *Estêvão* foi também extraordinariamente estimulada e distintamente capacitada para perceber e discernir um objeto visível tão distante. Tal visão corpórea extraordinária de Cristo não deve ser esperada por nós. Ainda assim, tão verdadeiramente e para tão grande conforto da alma, podemos, com os olhos espirituais dela, os olhos da fé, ver Cristo assentado nos céus por nós, como é dito de Moisés: “Pela fé [...] perseverou como que vendo aquele que está invisível” (Hb. 11.27). Desse modo, ver Cristo com Seu incenso, Sua intercessão diante de Deus, em perigos e aflições, em temores e perplexidades, enquanto vivemos, quando estamos prestes a entregar o nosso espírito, não pode nos trazer outra coisa senão um indescritível conforto para a alma.

§ 41. DO ESCOPO DA ÚLTIMA CLÁUSULA DO VERSO 46.

Números 16.46: Porque a ira saiu do Senhor; começou a praga.

A razão da mencionada direção dada a *Arão* é aqui transmitida, como é evidente pela partícula causal “*porque*”. A razão é tomada a partir da manifestação da ira de Deus e confirmada pelo efeito ou evidência dela: “*a praga*”.

A razão pode ser assim estruturada:

Quando a ira de Deus sai adiante, expiação deve ser feita.

Agora, a ira de Deus saiu adiante.

Portanto, agora, uma expiação deve ser feita.

Ele prova que a ira de Deus saiu adiante pelo efeito dela, o que pode ser assim estruturado:

Quando uma praga se inicia, a ira de Deus sai adiante.

Agora, a praga se iniciou. Portanto, a ira de Deus saiu adiante.

Aqui, há dois pontos a serem considerados:

1. A *substância* da razão.

2. A *inferência* da razão.

A *substância* estabelece: { 1. A causa: *a ira*.
2. O efeito: *a praga*.

A *inferência* observa o dever a ser realizado para apaziguar a ira de Deus nesse momento.

Primeiro, sobre a causa, *a ira*, sendo agravada pelo *Autor* de quem ela veio: “*do Senhor*”.

§ 42. DO SENTIDO DESSAS PALAVRAS:

“A IRA SAIU DO SENHOR”.

A palavra original que é traduzida como “ira”² significa um fervor, fúria, ou ira veemente. Em Os. 10.7, a *espuma*³ que surge da fúria e do bater do mar é expressada por essa palavra. Ela tem afinidade com uma palavra que significa *cortar*⁴ (2 Rs. 6.6) e importa tal veemência da ira que move aquele que está irado para cortar ou destruir o outro. Visto que os hebreus tinham diversas palavras para expressar graus distintos de ira, essa é utilizada para expressar o grau extremo. *Moisés* coloca a fúria da ira de Deus utilizando três palavras diversas, a última implicando em mais do que a primeira, dessa maneira: “O Senhor os arrancou de sua terra com IRA⁵, e com FUROR⁶, e com grande INDIGNAÇÃO⁷” (Dt. 29.28). A última dessas três é a palavra usada nesse texto e indica um grau mais elevado do que as duas primeiras.

Por “saiu”⁹ se quer dizer uma manifestação da ira por uma evidência visível. O que é oposto a *guardar* ou esconder perto e em secreto. Aquelas coisas que os homens não querem que sejam vistas ou conhecidas, eles guardam. Aquelas que querem que sejam vistas e conhecidas, eles permitem *sair*. Neste aspecto, a ira é dita aqui como a que “saiu”. Isso quer dizer que Deus foi tão provocado que não poderia guardar isso em Sua ira.

2 - תַּאֲרָבָה *excanduit, vehementer*

3 - תַּאֲרָבָה

4 - תַּאֲרָבָה *praetidit lignum*

5 - תַּאֲרָבָה

6 - תַּאֲרָבָה

7 - תַּאֲרָבָה

8 - Ira & excadiscencia & fervore

9 - יָצָא *exivit*

“Do Senhor”¹⁰, ou trocando uma palavra por outra palavra, “da face do Senhor”. Quando um homem está irado, a paixão logo irá manifestar a si mesma em sua face, trazendo sangue até ela e a tornando quente, curvando suas sobrancelhas, com uma aparência feroz dos olhos e outros sinais similares. Neste aspecto, a ira é dita vir da face de um homem, isto é, a ira se exibindo em e pela face. Assim, por meio de uma *metáfora*, e por similaridade ao homem, quando o Senhor manifesta a Sua ira por qualquer sinal visível, se diz que isso vem *da Sua face*, isto é, conforme a nossa língua inglesa tem traduzido isso como “do Senhor”, segundo a aceitação comum da frase hebraica.

O grande, inefável e o nome mais próprio de Deus, *Jehovah*, é aqui expressado¹¹. Quando os assuntos de favor são aplicados a esse nome *Jehovah*, eles são mui ampliados por meio disso. São os favores de *Jehovah*. Porém, quando a ira é atribuída a Ele, ela é muito agravada. *A ira de Jehovah* deve necessariamente ser a ira que faz tremer a todos.

§ 43. DA IRA ATRIBUÍDA A DEUS.

Questão. Há ira em Deus?

H *Resposta:* Não propriamente, como no homem, uma paixão que vem da essência. Pois Deus é a essência mais simples e pura. Não há nada nEle diferente da Sua essência. As coisas que são a Ele atribuídas são ditas sobre Ele através de similaridade somente, por causa do ensino, para nos permitir conceber mais distintamente a respeito de como Deus lida

10 - יהוה ינפלא *A facie Iehove*

11 - Sobre o título *Jehovah*, veja o *Churches Conquest* em Êx. 17.15, §72

conosco. A ira no homem é uma paixão¹² pela qual, sobre a apreensão de algum mal feito, ele é movido a punir aquele que fez isso¹³. O mal que move a ira é ou um mal verdadeiro que justamente merece ser punido e, neste aspecto, a ira é merecidamente provocada, como a ira de Moisés foi provocada na obstinação de Faraó (Êx. 11.8); ou somente um mal na aparência, ou na apreensão daquele que está irado e, neste aspecto, injustamente inflamado, como a ira de Saul contra Jônatas (1 Sm. 20.30).

A ira atribuída a Deus manifesta a Sua aversão pelo mal e a Sua resolução em punir os que praticam o mal. Deus não pode falhar; todo mal pelo qual Ele se ira é, de fato, mal. Quando, de qualquer maneira, Deus manifesta a Sua aversão e a Sua resolução para punir, se diz que Ele está irado. Deste modo, “a ira de Deus é revelada do céu contra toda impiedade” (Rm. 1.18), isto é, Deus, que está no céu, manifesta de lá a Sua aversão pela impiedade e o Seu propósito em tomar vingança dela. E porque essa aversão e propósito para punir costumam ser manifestados algumas vezes pela ameaça de fazer assim, e, outras vezes, colocando o Seu propósito em execução e lhe realizando, Sua ameaça e execução do julgamento são chamados de indignação ou ira de Deus. “Quem pode dizer”, diz o rei de Nínive, “se Deus voltará e se arrependerá [...] do furor da Sua ira [...]?” (Jn. 3.9). Por ira, ele quer dizer a ameaça de vingança trazida por Jonas, pois nenhuma punição foi, até então, infligida. Porém, onde o Apóstolo diz “entesouras para ti mesmo a ira” (Rm. 2.5), ele quer dizer o julgamento, como se torna

12 - Sobre os tipos de afeições, veja *The Saints Sacrifice* em Sl. 116.1, §4

13 - *Ista verba in Scripturis posita non sunt ut aliquam Dei perturbationem significant: sed quia nihil dignum de Deo dici potest, propterea usq, ad ea peruentum est.* Aug. contr. Adi mant. c.13. O que a ira no homem é: *Ira est motus naturalis conceptus ex causis, cui solet ad profectum pertinere Delinquentis.* Amb. Comentário em Efésios 4.

mais evidente por essa frase “*Deus inflige a ira*” (Rm. 3.5), isto é, *toma vingança*, como o nosso inglês assim traduz.

Ter aversão ou propor punir pecadores, ou ameaçar a vingança, ou executar o julgamento, pode se aplicar e atribuir a Deus, de modo a estar irado. E, visto que a ameaça e a execução do julgamento de Deus é terrível em um grau menor ou maior, assim também é a Sua ira. Por isso, para manifestar e agravar os terrores dela, diversas *metáforas* e *epítetos* são adicionados a ela, como a “*ira colérica*” (Sl. 69.24), “*o calor desta grande ira*” (Dt. 29.24), “*ardor da Sua grande ira*” (2 Rs. 23.26), “*a fúria de Sua ira*” (Is. 42.25), e a Sua ira é dita *acender* (Êx 32.11), *acender grandemente* (Nm. 11.10), *fumegar* (Dt. 29.20), *arder até as profundezas do inferno* (Dt. 32.22).

A ira de Deus pode ser distinguida segundo a pessoa contra quem Ele está irado:

1. Por razão da carne que há no melhor dos Seus santos sobre a terra, eles frequentemente provocam a Sua ira, como *Moisés* fez, contra quem a *ira do Senhor* é mencionada ter sido *acesa* (Êx. 4.14; Dt. 3.26). Essa ira é como a compaixão de um Pai. Sobre isso, é dito que “*Ele não repreenderá sempre*” (Sl. 103.9). Essa ira vem a partir da Sua misericórdia.

2. Por razão da disposição rebelde que há em outros, a Sua ira muito se inflama, e se prova implacável. Contra tais, diz o Senhor: “*a minha ira será acesa [...] e não será extinta*” (2 Rs. 22.17). “*O Senhor os engolirá na Sua ira*” (Sl. 21.9). Essa ira é como o sentimento de um juiz.

A partir de todas essas premissas, segue-se essa conclusão:

A ira pode vir de Deus. Ele pode ser provocado a isso por todo tipo de pessoas, santos e outros, como foi demonstrado acima.

Raramente qualquer outra coisa é mais frequentemente atribuída a Deus do que a ira. Isso não porque há qualquer precocidade nEle para se irar¹⁴, pois *o Senhor é tardio para se irar* (Jn. 4.2), “*longânimo*” (Êx. 34.6), “*pronto para perdoar*” (Ne. 9.17), e quando Ele ameaça ou começa a infligir o julgamento, Ele é brevemente trazido a *se arrepender do mal* (Jn. 4.2). Porém, por razão da disposição provocativa do homem, através do pecado (no qual os homens são excessivamente viciados) a ira de Deus é acesa; através do agravamento do pecado, o fogo da ira de Deus é inflamado; e através da obstinação contínua da permanência e da impenitência, esse fogo se torna inextinguível. Ora, o pecado, sendo contrário à retidão da Sua vontade, Sua justiça, Sua verdade, Sua sabedoria e outras excelências divinas, não permitirá que o fogo da Sua ira seja sempre abafado, antes, em vez disso, Ele o enviará contra os pecadores para os queimar, incendiar, consumir, caso, no fim, eles não se arrependam. Assim, uma sublimidade inefável, para que possa ser mais agradável ao homem, deve ser manifestada por palavras que são próprias ao homem.

§ 44. DA LEGITIMIDADE DA IRA.

1. **E**sse grande exemplo de Deus se irando dá uma demonstração evidente da legitimidade da ira. Pois nada que seja absolutamente pecaminoso e ilícito é atribuído a Deus. O nosso Salvador, que tomou sobre Si a nossa natureza, era livre de todo pecado. *Ele não conheceu pecado* (2 Co. 5.21). Ele se conhecia melhor do que qualquer outro poderia. Se Ele tivesse qualquer pecado, Ele deveria necessariamente conhecer isso. Porém, Ele

14 - *Dominum etiam bonis suis servis succensentes intelligis datur.* Aug. Quaest. super Ios. lib. 6.

era “um cordeiro sem defeito, sem mancha” (1 Pe. 1.19), “santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores” (Hb. 7.26), e, ainda assim, se irou (Mc. 3.5). Assim também diversos santos, em justas ocasiões, foram observados estarem irados, mas sem serem culpados, como Moisés (Nm. 16.15), Davi (2 Sm. 13.21), Neemias (Ne. 5.6), e outros.

Ira é uma das afeições. Afeições, em si mesmas, não são mais perversas do que o entendimento, a vontade, a memória e outras faculdades da alma.

Objeção 1. Todas elas foram pervertidas e poluídas pela corrupção natural.

Resposta: 1. Podemos distinguir entre a essência da alma, junto com as faculdades dela, e a corrupção delas, que é acidental. Deste modo, a essência é boa, embora o acidente seja mau.

2. Aquilo que foi corrompido pode ser renovado. Deste modo, a ira e outras afeições são atribuídas como boas e legítimas em virtude do Espírito as renovando.

Objeção 2. O Apóstolo reconhece a *ira* entre os *frutos da carne* (Gl. 5.20) e exorta a *despojá-la* (Cl. 3.8).

Resposta: Ele está falando sobre *ira* e raiva pervertidas e corrompidas. Em outro lugar, ele conclui que um homem pode estar irado e, contudo, não pecar (Ef. 4.26).

Questão. Então, por que a ira é colocada no catálogo das coisas que são absolutamente más, como *ira*, *cólera*, *malícia* (Cl. 3.8), *idolatria*, *adultério*, *fetiçaria* (Gl. 5.19, 20)?

Resposta: Porque ela é uma paixão violenta e porque o homem, ainda que regenerado, mui dificilmente se mantém

dentro do seu limite¹⁵. *Moisés*, um homem, de fato, regenerado em grande medida, e “*muito manso, mais do que todos os homens que estavam sobre a face da terra*” (Nm. 12.3), apesar disso, estando irado devido a uma grande questão, se excedeu tanto nisso, que pouco considerou as tábuas nas quais Deus, com a Sua própria mão, escreveu a Lei Moral, antes, *lançou-as de suas mãos, e as quebrou* (Êx. 32.19). Assim também *Paulo e Barnabé*, homens dotados com mentes extraordinárias, ainda assim, sendo estimulados com a ira, aumentaram tanto em ardor, que “*se separaram um do outro*” (At. 15.39). A carne corrupta habita até nos melhores santos enquanto eles habitarem nessa carne corruptível, e, apesar de serem regenerados, ainda assim, muita corrupção permanece como o sedimento permanece no fundo [do copo]. Consequentemente, se essa pessoa em quem abunda o suave licor do Espírito santificador for balanceada em suas paixões (como a água doce que, tendo sedimento, é chacoalhada em um copo), a corrupção se levantará e manchará essa paixão.

Questão. Por quais meios especificamente a ira é pervertida e torna-se má?

Resposta: Pelos mesmos meios que todas as afeições são pervertidas, os quais são geralmente dois:

1. A má orientação delas.
2. A má ordenação delas.

A ira é mal orientada quando é colocada sobre o objeto errado, a saber, sobre aquilo que é bom e digno de louvor. Porque a ira é uma das afeições que fazem oposição, o objeto dela deve ser mau. O *mal* deve ser *temido, odiado e lamentado*, e devemos nos irar contra o *mal*. *Caim* estava irado quando Deus aceitou o sacrifício da

15 - *Ira est irrationalis inpetus, & canis impudens*. Chrys. ad Pop. Hom. 30.

oferta do seu irmão, e *Saul* quando justamente se louvava a *Davi*. A ira deles, portanto, por razão da má orientação dela, era má. Porém, ainda mais mal aplicada é a ira daqueles que a lançam contra Deus. *Jonas* falhou muito (Jn. 4.4, 9). Porém, *Caim* ainda mais (Gn. 4.5). Se Deus estivesse irado comigo, eu me iraria de volta contra Ele? De maneira nenhuma. Porém, em vez disso, temeria, tremeria e imploraria o Seu perdão¹⁶.

A ira é mal ordenada quando ela progride impensada e incommensuravelmente. O nosso Senhor diz que *aquele “que, sem motivo”,* ou impensadamente, ou precipitadamente, *“se irar contra seu irmão, estará sujeito a julgamento”* (Mt. 5.22). Deste modo, a ira de *Jonas* foi ainda mais precipitada e sem causa (Jn. 4.4).

A ira *incommensurável* é aquela que se excede tanto na paixão que perturba internamente na memória e se manifesta, igualmente, por palavras e ações ofensivas, como *Saul* em *1 Samuel* 20.30, 33.

Se os *estóicos* e outros (que sustentaram que todas as paixões são inapropriadas aos homens) tivessem discernido bem entre a natureza e a corrupção das paixões, eles teriam facilmente encontrado seus próprios equívocos. Pois a ira é como um cão pastor, que, caso não esteja sob o chamado de seu mestre para correr ou retornar, fazer isso ou aquilo, pode ser muito pernicioso; porém, caso seja ordenado pelo seu mestre, ele pode ser mui proveitoso contra os lobos e ladrões¹⁷.

16 - *Si mihi irascatur Deus, num illi ego similiter redirascar? Non utiq, sed pavebo, sed contremiscam, sed veniam deprecabor.* Ber. super Cant. Serm. 83

17 - *Canis est impudens ira: sed lege andire discat. Si fuerit canis in grege tam ferus ut non obediat iubenti pastori, omnia perdita sunt. Se di discit audire, utilis erit contra lupos, & contra piratos.* Crisóstomo ad Pop. Hom. 30.

§ 45. DO ASSUNTO DE LAMENTAR PELAS PROVOCAÇÕES CONTRA A IRA DE DEUS.

2. **O** ponto principal de que há *ira em Deus* e que a indignação pode vir dEle fornece um grande assunto que traz humilhação quanto às muitas provocações dessa ira dia após dia. Sabemos que o fogo é muito violento onde ele encontra substância para trabalhar. Consequentemente, não seria muito triste e desorientador para os homens verem companheiros desesperados, em cada casa, soprando o fogo para impedi-lo de tomá-las? Mais desesperadores são os pecadores impudentes e impenitentes. Pois nenhum fogo é tão violento, tão temível quanto a ira de Deus. Nenhum meio há que acenda e inflame mais o fogo do que o pecado inflama a ira de Deus. Nenhum perigo e dano pode vir através de qualquer fogo como vem pela ira de Deus. Se a paciência do Senhor não fosse maior do que a ordinária, pela qual o fogo da Sua ira é guardado para não arder ainda mais, nossas casas, nossas vilas, nossas cidades, nossas nações, de fato, todo o mundo e tudo que nele há seria rapidamente consumido completamente. Oh! Não deixes que a consideração da ira de Deus seja desprezada por um coração duro ou olhos áridos. Estou certo de que, se for bem ponderado e profundamente colocado no coração, isso dará justa ocasião a todos entre nós para clamar e dizer *“Oh! Se a minha cabeça se tornasse em águas, e os meus olhos em uma fonte de lágrimas, para que eu pudesse chorar dia e noite”* pelas muitas provocações contra a ira do Senhor. *“Oh! Que eu tivesse no deserto um acampamento temporário para homens que viajam a pé, para que eu deixasse meu povo e me apartasse deles”* (Jr. 9.1, 2), pois todos eles são desesperados em inflamar a ira do Senhor mais e mais, até que eles, todos eles, sejam trazidos a

nada. Se o terror da ira do Senhor fosse melhor conhecido e crido do que [atualmente] é, isso certamente restringiria o excesso dos homens em provocar a mesma e os tornaria mais cuidadosos e diligentes para pacificá-la. Quando os homens se enfurecem, quanto esforço é empreendido, quantos amigos são utilizados, qual custo é despendido, quanto tempo é gasto na espera de pacificá-los?¹⁸ Se o ofensor for recusado uma vez, duas vezes, sim, muitas vezes, ainda assim, ele não desistirá. Algo similar é feito para apaziguar a Deus?

Para agravar esse ponto, que o Título pelo qual o Senhor é mencionado seja observado. Ele é *Iehovah*¹⁹. A ira de *Jehovah*, isto é, a ira do grande Deus, aquEle que tem a Sua existência de Si mesmo, aquEle que dá a existência a tudo, de quem tudo depende, aquEle que tem poder para salvar e destruir, aquEle que pode infligir julgamentos que farão tremer o mais forte, que pode lançar o corpo e a alma no inferno. O homem sábio diz que “a ira do rei é como o rugido de um leão” (Pv. 19.12). Agora, considere quanto a frágil presa (suponha que seja um cordeiro, cabrito ou qualquer coisa parecida) treme e vacila quando o leão que a espia corre e ruge atrás dela. “Rugiu o leão, quem não temerá?” (Am. 3.8), diz o profeta.

Ora, se esta é a ira de um rei (que é apenas um homem mortal, que pode rapidamente ser removido), que não é capaz de fazer com que aquilo que deseja seja tão terrível, o que é a ira do eterno e Todo-Poderoso *Iehovah*? O homem sábio citado antes

18 - *Tu hominem quidem exacerbaus, & pecunias expendis, & mullos absumis dies accedens & supplicans: & sive semel, sive bis, sive millies te repulerit irritatus, non recedis, sed magis contendens majorem offers supplicationem. Deo autem amnium exacerbato aseitamus & recedimus, & delicys, & ebrietati vacamus.* Crisóstomos ad Pop. Hom. 46.

19 - Veja *The Churches Conquest* em Êx. 17.15, §72 sobre esse título *Iehovah*.

diz sobre a ira de um rei, a qual também foi citada antes: “*quem quer que o provoque à raiva peca contra a sua própria alma*” (Pv. 20.2), falando aqui sobre a sua vida temporal. Porém, aquele que provoca Iehovah à ira, de fato, peca contra a sua própria alma no pior grau que possa existir, contra a sua vida temporal e eterna igualmente²⁰. Então, oh, que terrível é ouvir ou ver qualquer evidência, como vemos agora, que a ira de Deus saiu de Iehovah. O quanto isso nos deveria fazer tremer, nos humilhar, cair sobre as nossas faces, como *Moisés* e *Arão* fizeram aqui²¹, e realizar tudo aquilo que pode ser realizado para pacificar o mesmo. Onde *Salomão* diz que “*a ira de um rei é como mensageiros da morte*”, ele adiciona, “*um homem sábio a pacificará*” (Pv. 16.14). Portanto, que nos mostremos sábios e estejamos bem longe de provocar e inflamar a ira de *Iehovah*, visto que devemos fazer tudo o que está em nosso alcance para pacificar o mesmo, finalidade para a qual direções foram antes prescritas²².

§ 46. DOS PECADOS QUE MAIS PROVOCAM A IRA DE DEUS.

3. **O**bservar devidamente os pecados que, entre outros, mais provocam a ira de Deus é um ponto especial da sabedoria, de modo que possamos saber, quando formos humilhados, contra o que devemos estar mais vigilantes e contra o que orar mais. A Palavra de Deus nos dá a melhor direção nisso. A partir dela, nos esforçaremos para relembrar aquilo que, outrora, Lhe

20 - *Horrendum est incidere in manus Dei viventis, essendere Creatorem, recalcitrare Dominantis imperio, qui habet potestatem corpus & animam ponere in gehennam.* Bern. Serm. em festo Mar Magd.

21 - § 24

22 - § 17-30

inflamou excessivamente e fez com que Ele, em Sua ira, executasse terríveis julgamentos. Esses pecados são:

1. *Idolatria*²³. A razão anexada ao segundo mandamento dá evidência contra esse pecado que provoca excessivamente a ira de Deus. A razão é essa: “*Eu o Senhor teu Deus, sou um Deus ciumento*” [Êx. 20.5]. “*O ciúme é a fúria de um homem; portanto ele não poupará ninguém no dia da vingança*” (Pv. 6.34). O ciúme é uma paixão que mais propriamente incide nos maridos, que se incita contra suas esposas e contra aquele que rouba o coração delas, e cometem adultério com elas. Porém, a *idolatria* é um *adultério* espiritual (Ez. 23.37)²⁴. Pois *Deus* é um *marido* para o Seu povo que professa o Seu nome (Jr. 31.32; Os. 2.19). Portanto, assim como o adultério é o crime de maior pena que uma esposa pode cometer contra um marido (por meio do qual o laço matrimonial é quebrado - Mt. 5.32), da mesma maneira é a idolatria contra Deus. Os idólatras escolhem outros deuses (Jz. 5.8). Dessa maneira, eles dão a outros a honra mais elevada de Deus (Is. 42.8). Então, não é de se maravilhar que o fogo do ciúme de Deus se inflame contra eles (Dt. 9.19; Nm. 25.3; Jz. 2.13, 14). *Moisés* utilizou esse motivo para instar muito contra a idolatria (Dt. 6.14, 15).

2. *Profanação das coisas e tempos sagrados*. O profeta claramente expressa isso como sendo uma causa especial que provocou a Deus, de modo a *consumir* o Seu povo em Sua ira (Ez. 43.8). “*Trazeis*”, diz *Neemias*, “*mais ira sobre Israel ao profanardes o shabat*” (Ne. 13.18). Tempos, lugares, e ordenanças sagradas são, de modo especial, para a honra de Deus. Profaná-los é uma alta desonra contra Deus. Portanto, há justa causa para Deus se irar contra os tais.

23 - *Pergrave crimen est idolatria*. Comentário de Ambrósio em Cl. 3.

Hinc oritur omnis impietas. Aug. de vera Relig, cp. 37.

24 - *Idololatria saepe ac proprie Scriptura fornicationem vocat*. Aug. de Doct Chr. lib. 3. cap. 8.

3. *Mancha na profissão*, como quando aqueles que professam a verdadeira religião se misturam com pessoas profanas e se juntam com eles em casamento, sociedade, amizade, confederação, etc. Sim, e se moldam, em todos os sentidos, a semelhança deles, na fala, nos gestos, nas vestes, nos passatempos, etc. Isso inflamou tanto a ira de Deus contra o mundo antigo, que Ele tragou a todos com o dilúvio (Gn. 6.3). É dito que a *ira veio*, exatamente por causa disso, *sobre Jeosafá da parte do Senhor* (2 Cr. 19.2). Por temor da ira de Deus, o Seu povo é frequentemente dissuadido de toda mistura com essas pessoas (Dt. 7.4; Ap. 14.9, 10). A profissão do nome de Deus é uma coisa sagrada; isso nos vincula e O traz como uma parte ou alguém que está ao nosso lado (Rm. 2.24). Ao manchar isso, Seu nome sagrado é blasfemado (Ez. 36.20).

4. *Ingratidão*, ou desrespeito, desprezo e vilipêndo das misericórdias, favores e bênçãos divinas. Deste modo, *“a ira do Senhor se acendeu grandemente”* contra Israel porque tiveram o maná em baixa conta. E Ele *“abominou-os”* porque eles se tornaram *indiferentes quanto à Rocha que os gerou e se esqueceram do Deus que lhes formou* (Dt. 32.18, 19). A ingratidão é um pecado odioso contra Deus e o homem. Isso faz com que Deus se arrependa da bondade que tem feito e, por isso, muda [aparentemente] a Sua intenção, tornando o favor em fúria. Sobre este fundamento, *Deus se arrependeu de “haver estabelecido Saul como rei”* (1 Sm. 15.11), e *“o Espírito do Senhor retirou-se de Saul, e um espírito maligno da parte do Senhor o atormentou”* (1 Sm. 16.14). Devido a ingratidão de Israel, Deus foi provocado a *jurar em ira que eles não entrariam no Seu descanso* (Sl. 95.10, 11). *“Ezequias não retribuiu segundo o benefício feito a ele; porque o seu coração se exaltou; portanto, houve ira sobre ele”* (2 Cr. 32.25).

5. *Abuso de autoridade da parte dos magistrados.* “Os príncipes de Judá foram como os que removem os limites; portanto, derramei a minha ira sobre eles”, diz o Senhor (Os. 5.10). “O Senhor não se voltou do ardor da Sua grande ira com a qual foi acesa contra Judá, por causa de todas as provocações com as quais Manassés ao mesmo tempo lhe havia provocado” (2 Rs. 23.26). Os magistrados sobre a terra são como deuses (Sl. 82.6; 2 Cr. 19.6); eles carregam a Sua imagem, e, estando na posição dEle, devem executar Seus julgamentos. Deus é altamente desonrado pelo abuso de autoridade da parte deles, e a Sua imagem é envergonhada, de modo que Ele não pode fazer outra coisa senão manifestar a Sua indignação contra tais.

6. *Ministros pervertendo sua função*, encorajando e estimulando o ímpio, e desencorajando e desaprovando o justo. O profeta, no Nome do Senhor, declara assim a ira de Deus contra tais ministros que edificam seu muro com argamassa não temperada: “Fendê-la-ei com vento tempestuoso na minha fúria; e haverá uma chuva transbordante na minha ira, e grande pedras de granizo na minha fúria, para a consumir” (Ez. 13.12, 13). Atenha-se ao exemplo dos terríveis efeitos da ira de Deus contra a casa de Eli (1 Sm. 2.29, etc.; 3.12, etc.). Assim também fazem os ministros da Palavra de Deus que carregam a imagem de Deus de outra maneira, estando em sua posição, e são instruídos com os Seus conselhos. Dessa maneira, pela perversão da sua função, Deus é muito desonrado e a Sua ira necessariamente se inflamará.

7. *Desumanidade* ou atropelo contra aqueles que são derrubados ao chão. Assim fez Edom com Israel: ele praticou crueldade para com eles “no tempo da sua calamidade, [...] portanto, como eu vivo, diz o Senhor, procederei conforme a tua ira” (Ez. 35.5, 11). Sobre

este fundamento o Senhor também, em ira, ameaça assim os pagãos: *“Estou muito descontente com os pagãos que estão em descanso; porque eu estava um pouco descontente, mas eles ajudaram a espalhar a aflição”* (Zc. 1.15). Peca, um rei de Israel, tendo assassinado muitos dos filhos de Judá, os filhos de Israel levaram cativos consigo 200.000 pessoas de toda sorte, até mesmo mulheres e crianças (2 Cr. 28.6-8). Porém, um profeta do Senhor restringiu a fúria deles por meio dessa fala: *“entregai de volta os cativos [...] porque a ira ardente do Senhor está sobre vós”* (v. 11). Tal desumanidade, visto que é em si mesma um vício mui odioso, mais do que outros mais odiosos à vista de um Deus de piedade e compaixão. Portanto, contra aqueles que *na sede dão vinagre para beber*, Ele declara o seguinte: *“derrama a tua indignação sobre eles, e que a tua ira colérica tome conta deles”* (Sl. 69.21, 24).

8. Conspiração e consentimento em qualquer tipo de pecado. *“Esta cidade”*, diz o Senhor a respeito de Jerusalém, *“foi para mim como uma provocação da minha ira e da minha fúria [...]. Por causa de todo o mal dos filhos de Israel e dos filhos de Judá, que fizeram para provocar à ira, eles, seus reis, seus príncipes, seus sacerdotes, e seus profetas, e os homens de Judá, e os habitantes de Jerusalém”* (Jr. 32.31, 32). E, por outro profeta, com um propósito similar, o Senhor diz assim: *“Eu busquei por um entre eles, que fizesse o cerco, e que se pusesse na brecha diante de mim pela terra, para que eu não a destruísse; mas eu não encontrei nenhum. Portanto, eu derramarei a minha indignação sobre eles; eu os consumi com o fogo da minha ira”* (Ez. 22.30, 31). A integridade de alguns (embora fossem poucos [íntegros] entre muitos ímpios) é um meio para reter a ira da qual Ele que *não mata o justo com os ímpios* (Gn. 18.23-25). Porém, quando não há ninguém na brecha, como a Sua ira seria retida?

9. *Obstinação*: quando os homens não são recuperados, mas odeiam ser reformados²⁵. Isso provocou Deus a dizer ao Seu próprio povo: “*derramaria minha fúria sobre eles, para cumprir a minha ira contra eles no deserto*” (Ez. 20.21). A obstinação, depois de Deus ter dado a Sua Lei e Palavra ao Seu povo (Is. 5.24, 25), bem como evidências anteriores da Sua ira contra eles (Nm. 16.32, 35), incendeia ainda mais a fúria divina. “*Eles zombaram dos mensageiros de Deus, e desprezaram as suas palavras, e abusaram dos seus profetas, até que a ira do Senhor se levantou contra o seu povo, até que não houve mais remédio*” (2 Cr. 36.16). Não se comover com o pecado inflama a Deus ainda mais do que pecar.

10. *Infidelidade*. Por meio disso, os homens colocam de lado o único meio de mitigar o fogo da ira de Cristo: Cristo, o Seu sangue, a Sua intercessão. “*Aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele*” (Jo. 3.36). Esse pecado é diretamente contra o Evangelho, contra a misericórdia, verdade, poder, e outros atributos similares de Deus²⁶. Por causa disso, Deus se irou até mesmo contra Moisés e não tolerou que entrasse na terra prometida (Nm. 20.12; Dt. 3.26). O maligno busca de todo modo operar dissidência nos homens²⁷. Ele assim agiu com Adão e prevaleceu (Gn. 3.1). Ele assim agiu com Cristo, mas não prevaleceu em nada (Mt. 4.3, 4).

11. *Impenitência*. Em relação a isso, diz o Apóstolo: “*Segundo a tua dureza e teu coração impenitente, entesouras para ti mesmo a ira para o dia da ira*” (Rm. 2.5). Grande é a misericórdia que é oferecida

25 - *Sicut obdurata corpora & dura non obsequuntur manibus medicorum sic & anime obdurate non obsequuntur verbo Dei*. Chrys. in Heb. 3. Hom. 6.

26 - Veja mais sobre esse pecado em *The Whole Armour of God* em Ef. 6.16, Treat. 2, Part. 6, §34

27 - *Malignus nihil non tentat, quo nobis dissidentan cogitationem inserat*. Chrys. prior, Par. ad Theod.

pelo Evangelho aos pecadores. Não se pode pensar que por meio dela [apenas] Deus favoreça pecadores, [antes] exige-se *arrependimento*. Portanto, aquele que veio para salvar pecadores diz: *eu vim para chamar pecadores ao arrependimento* (Mt. 9.13). Viver sob o Evangelho de Cristo e viver em pecado é perverter o fim da vinda de Cristo, abusar da misericórdia, escandalizar a Palavra da graça. Então, o que pode ser esperado, senão a ira? Esta pode ser contada como o maior pecado.

12. Apostasia. Por meio disso os homens se afastam de Deus. Por isso, *Deus não pode ter prazer* neles (Hb. 10.38). Eles se afastam do brilho consolador da Sua misericórdia e lançam-se no fervor escaldante de Sua ira. *Moisés*, predizendo os temíveis julgamentos que cairiam sobre os israelitas, como evidências e efeitos da ira de Deus, mostra que todos fariam da causa desta, pois quando todas as nações perguntariam “*Por que o Senhor fez isto a esta terra? O que significa o calor desta grande ira? Então, os homens dirão: Porque eles abandonaram o pacto do Senhor*” (Dt. 29.24, 25). Os apóstatas desgraçam a religião e a profissão de onde eles decaíram, ofendem a fidelidade daqueles que a professam, entristecem o Espírito de Deus, e abrem as bocas dos inimigos do Evangelho contra a sua profissão, e, dessa maneira, dão grande causa para a ira. Sim, se afastando de Deus, que é o Senhor da vida, eles não podem ter salvação.

§ 47. DAS CAUSAS DA IRA DE DEUS ENTRE NÓS.

Para que possa se evidenciar por qual justa causa o Senhor tem derramado as taças da Sua ira entre nós, será uma tarefa oportuna considerar os nossos próprios tempos e observar se os pecados anteriormente mencionados podem ser encontrados

entre nós. Pois mui verdadeiramente pode ser dito a respeito desta terra, a respeito desta cidade, “*a ira saiu do Senhor; começou a praga*”.

No decorrer dessa tarefa, seguirei a ordem anteriormente proposta, e trarei os pecados que foram provados anteriormente ter provocado a ira de Deus em nossos tempos.

1. Quanto à idolatria, embora o brilho da luz do Evangelho tenha, por muitos anos, dissipado a nuvem espessa do papado (uma idolatria detestável²⁸), contudo, em muitos lugares, essa nuvem se aglomera e engrossa novamente. Oro a Deus para que ela não aumente como aquela nuvem que o servo de *Elias* espiou, a qual, embora fosse, em um primeiro momento, apenas pequena como a mão do homem, ainda assim cresce e cobre todo céu e causa muita chuva (1 Rs. 18.44). Muitos sedutores estão entre nós; muita tolerância é dada a eles. Nós, ministros, temos a necessidade de inculcar essa proibição apostólica: *fugi da idolatria* (1 Co. 10.14).

2. Quanto à *profanação das coisas e tempos santos*, cego é aquele que não discerne isso: é excessivamente profano quem não se aborrece em sua alma com isso. Oração, pregação, sacramentos, todos juntamente são negligenciados ou mui desleixadamente observados. Assim também quanto ao Dia do Senhor, que, em muitos lugares, é feito por muitas pessoas o dia do diabo. Ele não é somente profanado em ato, mas a profanação dele é excessivamente tolerada e justificada.

3. Quanto à *mancha da profissão*, quanta vantagem se dá aos nossos adversários por meio disso. Por essa razão, eles tomam essa oportunidade para relacionar-nos [junto com os nossos atos] com a *reforma*. De fato, os profanos entre nós se justificam

por meio disso. Porque muitos daqueles que professam são, de toda forma, lascivos e licenciosos como eles: como a vaidade no seu vestir, como a corrupção em suas falas, como a sensualidade em seus gestos, como o engano em seus procedimentos, como a falta de caridade nas suas censuras, como a falta de misericórdia com os pobres, etc.

4. Quanto ao ingrato vilipêndio das misericórdias de Deus, acredito que o nosso povo exceda nisso aos israelitas que habitaram no deserto. O Maná celestial, a Palavra da vida, que abundantemente vem sobre nós, é rejeitado pelas pessoas supersticiosas, cismáticas e profanas. Pessoas supersticiosas desejam pelos dias da rainha Maria novamente. Os cismáticos desejam que não tivesse havido reforma, a menos que tivessem obtido alguma vantagem. O profano reclama muito da pregação.

5. Quanto ao *abuso de autoridade da parte dos magistrados*, poderia reunir mui justamente todas as reclamações dos profetas contra muitos dos nossos [magistrados], se, ao menos, esse fosse um local apropriado para fazer reclamações sobre aceitação de suborno, perversão da justiça, opressão do inocente, uso do seu poder para benefício próprio, etc.

6. Quanto a *ministros pervertendo sua função*, muitos entre nós excedem os falsos profetas entre os judeus. Nem o maior dentre eles desencorajava a justiça. Nem o maior dentre eles estimulava o profano. O maior zelo que costumam mostrar é em suas amargas inventivas contra aqueles que tornam-se mais conscientes do pecado. Eles são ótimos companheiros dos baixos e lascivos.

7. Quanto ao *atropelamento contra aqueles que estão ao chão*, muitos são tão desumanos que não somente *se deitam em suas camas e bebem vinho em taças* (Am. 6.4, 6), enquanto seus irmãos estão gemendo sob dolorosas aflições, ou, como o *sacerdote e levita*,

passam por eles sem socorrer aqueles que não são capazes de ajudar a si mesmos (Lc. 10.31, 32); mas, como os *amigos de Jó*, os sobrecarregam com hipocrisia (Jó 4.6) ou, como os *judeus*, os tomam como os maiores pecadores (Lc. 13.1-5), ou, como *Simei*, lançam ofensas sobre eles (2 Sm. 16.7, 8); e assim dão a eles, em vez do cálice do consolo, vinagre e fel para beber.

8. Quanto à *conspiração e consentimento no pecado*, havia muito lá [entre os judeus], agora [também há] entre nós. Grandes, pequenos, velhos, jovens, homens, mulheres, magistrados, súditos, ministros, povo, rico, pobre, senhores, servos, todos com uma só mente para desgraçar a integridade e aprovar a impiedade e a iniquidade. O mesmo, assim como a acusação do profeta, é verificado mui verdadeiramente entre nós: “*aquele que se afasta do mal faz de si mesmo uma presa*” (Is. 59.15).

9. Quanto à *obstinação no pecado*, quem pode abrir a sua boa o suficiente contra a teimosia dos homens? Eles são “*impudentes e de dura cerviz*” (Ez. 2.4). Eles têm *uma prostituta e não se envergonharão* (Jr. 3.3). Ele anunciam um tipo de desafio ao próprio Deus. Assim como abusam das Suas misericórdias, também desprezam Seus julgamentos. Qual blasfemador, qual fornicador, qual opressor, qual extorquidor, qual usurário, qual enganador foi reformado por essa praga? O povo é tão obstinado que Deus necessita tornar as *faces de Seus ministros firmes contra as testas deles* (Ez. 3.8, 9).

10. Quanto à *infidelidade*, nós, ministros, temos uma mui grande causa para clamar: “*quem tem acreditado em nosso relato?*” (Is. 53.1). Se esse pecado não se fixasse tão rápido no coração dos homens como ele se fixa, poderia se receber muito mais consolo a partir do ministério do Evangelho e muito mais obediência seria dada a ele. O Apóstolo dá essa razão quanto a tão pequeno

proveito que foi colhido da parte do Evangelho: “*não estava misturada com a fé daqueles que a ouviram*” (Hb. 4.2). A verdadeira fé tem uma dupla obra onde ela é bondosamente forjada. I. Em geral, ela persuade o coração quanto à verdade da Palavra de Deus. II. Em particular, ela conduz o coração a aplicar essa verdade a si mesmo, como uma verdade que é concernente a ele. O pequeno proveito que muitos colhem pela Palavra de Deus, o ínfimo uso que fazem dela, mostra quanta infidelidade oscila neles. Assim, acontece que eles são como as *crianças no mercado, que nem dançaram àqueles que tocavam, nem lamentaram com aqueles que lamentavam* (Mt. 11.16, 17). Nem as promessas, nem as ameaças, nem as misericórdias, nem os julgamentos funcionam com eles.

11. Quanto à *impenitência*, não se pode negar que muitos, de fato, muitos, estão tão determinados em seus pecados que eles odeiam ser reformados. Onde estão os verdadeiros frutos de arrependimento a serem encontrados? Onde está a vergonha, onde está o lamento pelo pecado? Onde está o afastar-se do pecado? Os homens, em vez disso, se tornam piores e piores. Os julgamentos de Deus endurecem seus corações, como tornou o coração de *Faraó*. Mas ele pagou caro por abusar de tamanha paciência. Se, em qualquer ocasião, suas consciências estivessem limpas em qualquer medida, eles rapidamente perceberiam que nenhum arrependimento verdadeiro foi forjado neles. “*Mas isto lhes sobreveio de acordo com um verdadeiro provérbio: O cão voltou ao seu próprio vômito, e a porca que foi lavada chafurdou-se de lama*” (2 Pe. 2.22).

12. Quanto à *apostasia*, se primeiro considerarmos a apostasia interna (que é uma decadência interna no primeiro amor pela verdade - Ap. 2.4, 5; 2 Ts. 2.10, 11), uma causa demasiadamente

grande e justa é dada para acusação. Muitos têm deixado o seu *primeiro amor* e se tornam *mornos*, como os *laodicenses* (Ap. 3.16). Desse modo, abre-se um pronto caminho para a apostasia externa, que é uma renúncia aberta da própria profissão da verdadeira religião, como toda essa terra fez no reinado da rainha *Maria*. Deve se temer que uma apostasia similar aconteça, caso ocasião similar seja dada.

Se estas e outras provocações da ira de Deus entre nós forem devidamente ponderadas, veremos causas suficientes para confessar que a ira de Deus está justamente vindo entre nós e que temos merecidamente atraído essa praga sobre as nossas próprias cabeças.

Por isso, nos resta que nos humilhemos completamente; que nos exponhamos diante do nosso Deus misericordioso; que fielmente prometamos corrigir-nos; que demos evidência do íntegro propósito do nosso coração quanto à promessa por meio de uma execução correspondente. Mas, acima de tudo, quanto ao momento, que imploremos a misericórdia e o perdão de Deus, por meio de Jesus Cristo, de modo que Ele possa oferecer Seu incenso suave para pacificar Seu Pai e fazer que o Seu anjo destruidor retenha a sua mão.

§ 48. DO TIPO DE PRAGA AQUI MENCIONADA.

O efeito da *ira*, anteriormente mencionada, que veio *do Senhor*, é assim declarado: “*começou a praga*”.

A palavra traduzida por *praga* é uma palavra genérica que significa qualquer ferimento grave da parte de Deus. A *raiz* de onde ela se deriva significa ferir. Ela é aplicada a um *ferimento* de boi ou pressionar até a morte, como também outros ferimentos

similares; porém, mais comumente, o *ferimento* de Deus sobre os homens ímpios com algum julgamento extraordinário, como onde *Davi* disse sobre *Saul*: “o Senhor o ferirá”, significando que o destruiria (1 Sm. 26.10). Essa palavra é frequentemente utilizada em referência à punição de Deus sobre os *Egípcios*, quando retiraram os israelitas entre eles como escravos (Êx. 8.2; 12.23; 12.27; Js. 24.5). De fato, tal palavra que, assim como a palavra em meu texto [ou versículo base], é utilizada para declarar todos os julgamentos que Deus trouxe sobre os *Egípcios*, chama-se *pragas* (Êx. 9.14). A palavra *praga* em nosso uso vulgar significa uma doença infecciosa mortal, chamada também de *pestilência*. A nossa palavra inglesa “*praga*” parece ser tomada do *latim* “*plaga*” e esta do *grego*; em ambas linguagens é comumente colocada para se referir a um *ferimento*, *golpe*, *ferimento de chicote*, *uma ferida*, etc. Por isso, figurativamente, uma coisa específica sendo colocada no lugar da coisa geral, ela significa a *pestilência*. Na Escritura há também outras palavras (Êx. 11.1; Dt. 28.59) para anunciar essas doenças que comumente chamamos de *praga*, e aquelas, tão genéricas como esta, propriamente significam golpes e flagelos, de modo que todas implicam que uma *praga* é um golpe extraordinário ou o flagelo de Deus. Contudo, há no hebraico uma palavra que é mais propriamente colocada para se referir à *praga*, a qual o nosso inglês comumente traduz como *pestilência*. Ela é a palavra que Deus usou quando ofereceu a *Davi* a escolha de um destes três julgamentos: *espada*, *fome*, *pestilência*. A raiz de onde essa palavra é derivada significa *derrubar* ou *destruir*. E a experiência mostra que muitos são destruídos pela *praga*. O *latim* *pestis* declara muito, de onde a língua escocesa chama essa doença de *peste*. A palavra grega também intenta algo similar. Essa palavra *pestilência* é mais restrita a um tipo de doença, do que a palavra

traduzida por *praga*. Toda pestilência é uma praga porque ela é um golpe e julgamento extraordinário de Deus. Porém, nem toda praga é uma pestilência, pois as pragas do Egito não eram todas pestilências.

Visto que quanto à *praga* aqui mencionada, embora não seja expressada sob aquela palavra que propriamente significa pestilência, ainda assim, ela é inquestionavelmente uma pestilência, pois,

1. Tal palavra é atribuída à *pestilência* que, no período de *Davi*, destruiu 70.000, no espaço de três dias (2 Sm. 24.15, 21, 25).

2. Ela foi infecciosa, o que foi uma razão para que *Arão estivesse entre os mortos e os vivos*, de modo que pudesse guardar os vivos de serem infectados pelos mortos (Nm. 16.48).

3. Ela foi extraordinariamente mortal. Pois, em um curto espaço de tempo, 14.700 morreram disso (Nm. 16.49).

Questão. Se tantos morreram, como se diz que *começou a praga*?

Resposta: No próprio início da praga, repentinamente, muitos foram destruídos de uma só vez. Dessa maneira, em um curto espaço de tempo, repentinamente foram encontrados 185.000 mortos no campo dos *assírios*, acamados no cerco contra Jerusalém.

Nessas palavras “*começou a praga*” está o efeito da ira de Deus. Mais particularmente, podemos observar:

1. O assunto proposto: a praga.

2. A maneira como é declarada: *começou*.

Disto surgem duas observações:

I. *Uma praga é uma evidência da ira de Deus.*

II. *Deus pode tornar terrível o começo de um julgamento.* A conexão dessas duas cláusulas “*a ira saiu do Senhor*” e “*começou a praga*” prova isso.

Essa intimação do início da praga, a *pressa de Arão* em oferecer o incenso, a característica dessa *pressa*, de modo que a *praga cessou*, e ainda os 14.700 que foram mortos dão evidência quanto à última observação.

§ 49. DA PRAGA COMO UM EFEITO DA IRA DE DEUS.

I. **U**ma praga é uma evidência da ira de Deus²⁹. A praga que afligiu *Israel* quando *Davi* enumerou o povo é expressamente notada como um efeito da ira de Deus. Pois, primeiro, é dito, para a demonstração da causa daquele julgamento, que “*a ira do Senhor acendeu-se contra Israel*” (2 Sm. 24.1), e novamente que *Deus se desagradou* com a enumeração do povo que fez *Davi*, e “*portanto Ele feriu Israel*” (1 Cr. 21.7). Onde Deus diz “*fogo se acendeu na minha ira*” (Dt. 32.22, 23), Ele adiciona isso como um efeito dessa ira: “*enviarei pragas entre eles*”. Há três flechas da ira de Deus mencionadas na Escritura, e a praga é uma delas (Ez. 5.16, 17). As outras duas são *espada* e *fome*.

Os julgamentos gerais e extraordinários sempre vêm da ira de Deus. Isso se mostra no exemplo dos julgamentos que foram infligidos sobre os *Israelitas* no deserto. Eles foram gerais, como será mostrado na próxima doutrina, e extraordinários, como os vários tipos deles evidenciam. Eles são frequentemente observados como vindos da ira do Senhor: “*a Sua ira se acendeu, e o fogo do Senhor ardeu entre eles, e os consumiu*” (Nm. 11.1); “*a ira do Senhor se acendeu contra o povo, e o Senhor feriu o povo com uma praga muito grande*” (Nm. 11.33); “*a ira do Senhor se acendeu contra Israel. E o Senhor disse a Moisés: toma todos os cabeças do povo, e enforca-os*” (Nm. 25.4). Porém, para não insistir em mais casos particulares, o

29 - Veja §48. *Indignationem Dei pestilentia subsequitur*. Jerônimo, comentário em Isaías, lib. 4. cp. 19

salmista traz isso como uma causa geral de todos os julgamentos que foram infligidos sobre eles: “a ira do Senhor se acendeu contra o Seu povo, de tal modo que Ele abominou a Sua própria herança” (Sl. 106.40). Ora, a experiência mostra que uma praga é tanto um julgamento geral como extraordinário. Ela é geral porque costuma difundir-se longe e perto, de pessoa em pessoa, de casa em casa, de rua em rua, de vila em vila, de cidade em cidade; e ela leva embora toda sorte de pessoas: jovens, velhos, homens, mulheres, fracos, fortes, inferiores, grandes, etc. Ela é extraordinária porque a imediata mão de Deus em enviá-la, ampliá-la, reduzi-la e retirá-la é mais visivelmente discernida do que em outros julgamentos. Quanto a esse propósito, é notável que, quando *Davi* escolheu a praga, ele expressa assim o que pensa: “que caíamos, agora, na mão do Senhor” (2 Sm. 24.14).

§ 50. DAS AFLIÇÕES COMO EFEITOS DA IRA OU DO AMOR.

Questão. **A**s doenças e outros tipos de julgamentos não são, algumas vezes, enviados para testar e para outros fins similares, os quais são demonstrações da sabedoria, do amor, e do cuidado de Deus para com o Seu povo, bem como de ira e vingança para destruí-los?

Resposta: Nós devemos distinguir:

1. Entre as aflições particulares ou privadas das gerais ou públicas.
2. Entre os tipos de aflições públicas e gerais.
3. Entre as pessoas sobre as quais as calamidades acontecem, sendo elas de disposições diferentes, embora estejam misturadas juntamente no mesmo lugar, habitando juntamente.
4. Entre a causa de um julgamento e o efeito e fruto dele.

1. Aflições particulares e privadas são, muitas vezes, em amor, pela razão da sabedoria e terno cuidado de Deus sobre Seus filhos, trazendo aflição sobre eles. “*Pois aquele a quem o Senhor ama também castiga, e açoita a cada filho que recebe*” (Hb. 12.6). *E Deus nos castiga para nosso proveito* (v. 10)³⁰. Porém, não lemos sobre qualquer julgamento público e geral que não tenha vindo da ira de Deus. Muitos exemplos foram dados antes quanto à afirmativa de que eles foram feitos da ira de Deus, e a Escritura oferece muito mais; porém, nenhum outro exemplo do contrário.

2. Há calamidades comuns que sobrevêm sobre todos os tipos de pessoas, e há outras mais específicas que são designadas somente contra aqueles que professam a verdadeira religião, como as perseguições feitas pelos inimigos do Evangelho. Essas podem ser para testar, para a honra daquele que sofre (1 Pd. 4.12, 13). Porém, a praga não é deste tipo.

3. Quando julgamentos públicos e gerais vêm da ira contra nações, cidades e outras sociedades pecaminosas, pode haver alguns justos misturados entre esses ímpios, e, por razão dessa mistura, eles podem experimentar do amargor desse cálice dado para o ímpio beber³¹. Contudo, o Senhor pode assim santificar [isto é, separar] este julgamento comum aos santos que participam dele, de modo que aquilo que é um efeito da ira contra outros possa ser um fruto do amor de Deus para com eles. Desse modo, a praga pode ser enviada em ira contra uma sociedade, e, ainda assim, o amor de Deus ser manifestado para com os Seus santos, seja os preservando disso, ou tomando-os aos céus. Em relação a tais pessoas, podemos verdadeiramente dizer que, quer

30 - Veja os proveitosos fins das aflições em *The Whole Armour of God* em Ef. 6.11, §2, e Ef. 6.15, §13

31 - Veja §15

Deus envie fome, guerra, ou qualquer outra aflição, Ele faz isso a partir da Sua bondade e amor³².

4. Um julgamento pode ser, a princípio, infligido pela ira e, ainda assim, ter o sábio intento de que o povo possa ser assim tão humilhado e conduzido a tal arrependimento, que a natureza desse julgamento seja alterada e prove ser uma evidência do amor de Deus. De fato, tal reforma pode ser operada por meio disso, de modo que a calamidade (ainda que geral e extraordinária) se prova mui proveitosa e uma evidência do cuidado paternal de Deus sobre o povo que assim purificou. Um exemplo disso é aquele terrível julgamento que sobreveio a *Israel* no tempo de *Manassés* (2 Cr. 33.11, etc.). Esse último fruto do amor de Deus não contraria a evidência anterior da Sua ira. Pois, sobre tais ocasiões, é dito que Deus se arrepende do mal que havia enviado. Ele estava irado, mas a Sua ira torna-se favor.

Então, a conclusão permanece verdadeira: que uma praga (como enviada a um povo inicialmente) é uma evidência da ira de Deus.

§ 51. DOS DEVERES A SEREM REALIZADOS QUANDO A PRAGA SE INICIA.

Sendo a praga um efeito da ira de Deus, para freá-la, devem ser utilizados os meios para pacificar a ira de Deus. Assim fez *Davi*. Ele se humilhou, confessou o seu pecado com um coração penitente e ofereceu sacrifício a Deus. Aplicai as direções dadas³³ ante o julgamento da praga. E, porque *Moisés* dá aqui

32 - *Sive famem, sive bellum, sive aliud quodeunq, molestum inducat Deus, ex benignitate, & multa dilectione hoc cssicit.* Crisóstomo ad. Pop. Hom. 7

33 - §4-6, 10

uma direção quando essa praga *iniciou*, sede cuidadosos o mais rápido que puderdes, ainda no seu início, para buscar apaziguar a ira de Deus. Também foi falado anteriormente a esse respeito³⁴. E para que possais estar mais conscientes quanto a isso, sabeis que as pragas não vêm pela chance, não vêm por qualquer curso e meios ordinários. Elas vêm da ira de Deus. Por isso, que as direções anteriormente dadas para pacificar a ira de Deus sejam melhor observadas do que quaisquer direções materiais. Não nego que elas [as direções materiais] sejam lícitas, necessárias e úteis. Porém, essa [direção] da qual agora falo é mais lícita, necessária e útil. Todas as outras [direções] sem essa são como nada. Em todas as doenças, o auxílio de Deus deve ser especialmente solicitado. O erro de *Asa* foi que “*na sua enfermidade ele não buscou ao Senhor, mas aos médicos*” (2 Cr. 16.12). Se Deus deve ser buscado em todas as doenças, ainda mais naquilo que é um efeito imediato da ira de Deus. Além disso, porque a praga (entre outras evidências da ira de Deus) é um efeito mais temível, como será mostrado daqui em diante³⁵.

§ 52. DO TERROR DO INÍCIO DOS JULGAMENTOS DE DEUS.

II. **D**eus pode tornar terrível o começo de um julgamento³⁶. Não nego que frequentemente o Senhor o inicie mui leve e gentilmente, como Ele fez com os israelitas no deserto, trazendo-lhes até *águas amargas* (Êx. 15.23), fazendo com que sentissem falta do *pão* (Êx. 16.3) e *água* (Êx. 17.1), e permitindo que *ferisse*

34 - §30

35 - §72, 73

36 - Veja §48

os que deles iam na retaguarda (Dt. 25.18), para provar se aprenderiam a se aproximar do Senhor. Porém, posteriormente, Seus golpes sobre eles tornaram-se mais pesados. Apesar disso, Ele pode tornar o início dos Seus julgamentos mui terríveis, e assim o faz frequentemente. O início do dilúvio submergiu o mundo, “todas as fontes do grande abismo foram rompidas, e as janelas do céu foram abertas” (Gn. 7.11). Não era uma terrível visão contemplar as águas caírem do céu e subirem da terra tão rápido quanto foi? Imediatamente, quando “o sol havia se levantado sobre a terra [...], o Senhor fez chover sobre Sodoma e sobre Gomorra enxofre e fogo do Senhor desde o céu” (Gn. 19.23, 24). Quão terrível espetáculo foi a visão inicial disso. As pragas egípcias também deram uma evidência disso. Assim também a submersão de Faraó e seu exército no mar vermelho. Pois, enquanto perseguiam confiantemente os israelitas, supondo que passariam em segurança como passaram os israelitas, repentinamente o exército dos egípcios se alvoroçou, e as rodas de suas carruagens foram tiradas (Êx. 14.24, 25). Em uma palavra, tempestades surgiram assim, e águas caíram sobre eles, de modo que todos foram rapidamente afogados. Tais foram muitos dos julgamentos de Deus no deserto. Tal foi a destruição do campo dos assírios (2 Rs. 19.25). Tal foi a morte daqueles cujo sangue Pilatos misturava com os seus sacrifícios, daqueles sobre os quais caiu a torre de Siloé (Lc. 13.1, 4), de Herodes (At. 12.23), e muitos outros julgamentos similares.

A onipotência de Deus faz com que Seus julgamentos sejam mui terríveis. Sua sabedoria infinita faz com que Ele saiba quando é apropriado, no primeiro e no princípio, manifestar o Seu terror; e correspondentemente Ele assim faz. Pois, em sabedoria, Ele ordena todas as Suas ações, e isso de modo que possa mais glorificar o Seu Nome. Nisso a Sua sabedoria manifesta-se *multiforme* (Ef. 3.10): que Ele pode, algumas vezes, gradativamente aumentar os Seus juízos, e, outras vezes, derramando-os de uma

só vez, trazer a maior glória ao Seu nome. Pois, pelo primeiro tipo de procedimento para com os homens, Ele dá evidência da Sua paciência e longanimidade, na qual, embora seja Ele provocado a derramar as taças da Sua ira, contudo, Ele é tardio para se irar, e não anseia que os homens pereçam em Sua ira, mas, em vez disso, que sejam trazidos, no início de Seus julgamentos, ao arrependimento. Pelo último tipo, Ele dá o exemplo do Seu terror quando tem que lidar com pecadores endurecidos e obstinados.

Tendo que lidar com tal Deus que pode tornar tão terrível até mesmo o início do Seu julgamento, quão vigilantes deveríamos ser, para que não O provocássemos a derramar de uma só vez as taças da Sua ira contra nós? Essa severidade é usualmente executada depois do desprezo dos procedimentos mais brandos (que foram anteriormente provados³⁷) ou quando se cometem *pecados graves* que chamam a vingança dos céus, como os pecados de *Sodoma* fizeram (Gn. 18.20), ou quando as pessoas endurecidas e obstinadas *odeiam a instrução* (Sl. 50.17, 22). É dessa forma que os próprios homens se tornam a causa pela qual os golpes de Deus são tão duros. Se um leão que, inicialmente, mutila tudo em pedaços; se o fogo que queima tudo rapidamente até as cinzas; se uma tempestade furiosa que naufraga o navio com tudo aquilo que nele está; se outros males violentos similares que não nos permitem tempo para buscar ajuda e remédio devem ser temidos, não deveria o terror violento do Senhor ser muito mais temido?

A inferência a respeito do *início* da praga sobre a direção de fazer expiação, e isso como um reforço da razão (como foi mostrado anteriormente no §40), oferece essa doutrina: *a ira de Deus no início de um julgamento deve ser pacificada*. Porém, quanto a isso, já tivemos ocasião para tratar anteriormente no §32.

§ 53. DO SIGNIFICADO E MÉTODO DO VERSO 47.

Números 16.47: “E Arão o tomou, como Moisés ordenou, e correu ao meio da congregação; e eis que a praga já havia começado entre o povo; e colocou incenso nele e fez expiação pelo povo.”

A ordem anteriormente mencionada para reter a praga é aqui observada como sendo colocada em execução, pois é expressamente dito que *Arão o tomou, como Moisés ordenou*. Isto é, *ele tomou um incensário, e colocou nele fogo do altar*, pois isso foi o que *Moisés* havia ordenado no verso anterior. Essa palavra “ordenou”³⁸ está apropriadamente traduzida. Pois, apesar de geralmente a palavra, na primeira conjugação, não significar nada além do que *falar*, contudo, na segunda [conjugação], uma ênfase é adicionada por uma letra dupla, e assim, especialmente, se a *pessoa* que fala - *Moisés*, o Príncipe e governante principal - e o *assunto* falado - que foi uma direção divina para reter a praga - forem devidamente ponderados, se evidenciará que há a força de uma ordem.

Assim como a obediência de *Arão* é ordenada quanto à substância geral, assim também nas circunstâncias particulares, o que está implícito na partícula “*como*”, ou “*segundo o que*”. A palavra hebraica envolve muita coisa.

Além dessa generalidade, que “*Arão o tomou, como Moisés ordenou*”, algumas particularidades são expressas: pois, enquanto lá [no verso 46] *Moisés* ordena a *ir depressa*, aqui é dito que *Arão correu*, o que significa a maior velocidade que o homem pode realizar; pois, ademais, ele não tinha asas para voar. É adicionado “*ao meio da congregação*”, a saber, onde a praga foi mais ardente, para

mostrar que o temor da infecção não lhe impediu de realizar a sua função.

E enquanto lá a razão de que “começou a praga” é dada por Moisés para apressar Arão, a mesma razão é aqui novamente repetida, e uma nota de atenção é prefixada antes dela, quando diz “eis que a praga começou entre o povo”, para mostrar que ele foi, por meio disso, melhor estimulado a se apressar e a fazer o que de fato ele fez.

Além disso, enquanto lá Moisés ordenou colocar incenso sobre o fogo que Arão tomou do altar no seu incensário, é aqui dito que ele “colocou incenso”.

E para mostrar a aprovação e aceitação de Deus quanto àquilo que Arão realizou segundo a ordem que lhe foi dada, enquanto lá Moisés disse “faze expiação por eles”, de modo a fazer Arão entender a razão da ordem que ele deu, aqui é dito que ele “fez expiação pelo povo”, declarando, por meio disso, que a finalidade que Moisés tinha como objetivo foi cumprida.

O resumo desse verso é:

Um remédio a ser utilizado para o alívio de uma praga.

Isto é,

1. Proposto genericamente: “E Arão o tomou, como Moisés ordenou”.

2. Exemplificado particularmente. Onde há quatro pontos a serem observados:

I. A maneira de realizar aquilo que foi feito, indicada pela partícula “*como*”. E é expressa em duas divisões:

1. A *velocidade* com que ele realizou: “*correu*”.

2. A *coragem* que ele teve: “*ao meio da congregação*”.

II. O *motivo* que o moveu a melhor realizar aquilo que fez: “*a praga já havia começado entre o povo*”. Isso é mais ampliado por uma nota de atenção ou observação: “*eis*”.

III. A *matéria* ou a coisa que foi feita: “*colocou incenso*”.

IV. O *fim* ou efeito e eficácia disso (“*e fez expiação*”) são ampliados pela parte por quem foi feito: “*pelo povo*”.

Cinco instruções úteis (além das que foram observadas na ordem do verso 46, muitas das quais podem ser aqui observadas novamente) são aqui oferecidas para a nossa devida consideração.

I. *Obediência deve ser prestada às boas direções de governantes piedosos.* *Moisés* era um governante piedoso. Sua direção era boníssima. *Arão* prestou obediência a ela, o que é aqui louvado e registrado como um padrão para seguirmos.

II. *Obediência deve ser exigida segundo a ordem dada,* não somente na substância geral, mas também nas circunstâncias particulares. A partícula “*como*” demonstra isso. Dessa maneira, as partes particulares da obediência de *Arão* correspondem às particularidades da ordem de *Moisés*.

III. *Deve-se ter pressa para aliviar aqueles que estão aflitos.* Quando *Arão* ouviu que a praga estava entre o povo, ele correu para socorrê-los.

IV. *Uma boa vocação pode tornar alguém corajoso em meio ao perigo.* *Arão* era um sacerdote e, pela virtude disso, fazia oferta pelo povo. Ele recebeu ordem de *Moisés* para *ir até a congregação*. Por consequência, ele possui coragem para correr até *ao meio da congregação*, onde a praga tinha começado.

V. *Os julgamentos de Deus devem ser devidamente observados.* A nota de observação “*eis*” significa muito.

Sobre colocar o incenso e fazer expiação, veja aquilo que foi dito antes no §25, 27, 31, 36-39.

§ 54. DA OBEDIÊNCIA ÀS DIREÇÕES DOS GOVERNANTES.

I. **O**bediência Deve ser prestada às boas direções dos governantes piedosos³⁹. Digo boas quanto àquelas que são lícitas e autorizadas, pois a direção dada aqui por Moisés foi desse tipo, e porque, se as direções ou ordens dos homens forem más, tal como foi a de Saul aos seus servos para matar os sacerdotes do Senhor (1 Sm. 22.17) e como foi a dos governantes para com os Apóstolos, dizendo “que de nenhum modo falassem nem ensinassem em nome de Jesus” (At. 4.18); em seguida, essa regra apostólica toma lugar: “Devemos antes obedecer a Deus do que aos homens” (At. 5.29). Quando se adiciona o atributo “piedoso”, isso não exclui outros governantes, como se os mandamentos ou direções de qualquer pessoa devessem ser obedecidas, exceto dos governantes piedosos. Pois os Apóstolos que escreveram aos súditos e servos cristãos, que estavam sob governantes e senhores pagãos, exortaram para obedecer os tais, a saber, no Senhor, de modo que não obedecessem nas coisas proibidas por Deus ou qualquer coisa contra a Sua vontade (Rm. 13.1, etc.; Ef. 6.5; 1 Tm. 6.1; Tt. 2.9; 3.1; 1 Pe. 2.13, 14, 18; 3.1)⁴⁰. Contudo, onde os governantes são piedosos, a obediência deve ser ainda mais prestada a eles, como o Apóstolo aconselha, onde ele diz: “os que têm senhores crentes [...] os sirvoam, porque eles são fiéis” (1 Tm. 6.2). Assim foi a ordem de Moisés, à qual Arão aqui prestou obediência. E, portanto, o atributo “piedoso” é aqui inserido⁴¹.

39 - Veja §53

40 - Falei mais amplamente a respeito disso em *The Whole Armour of God*, treat. I, §6, 96, e treat. 3, §51, e treat. 7, §38

41 - Sobre esse ponto geral eu já tratei em *The Churches Conquest*, em Êx. 17.10, §36

§ 55. DO EXIGIR CORRETAMENTE A OBEDIÊNCIA NAS CIRCUNSTÂNCIAS.

II. **O**bediência deve ser prestada conforme a ordem dada⁴². Nas ordens que Deus dá, ou nas que são dadas de Sua parte pelos ministros fiéis, isso é verdadeiro sem qualquer limitação. Nas ordens dadas pelos homens, a obediência deve ser limitada e restringida pelas circunstâncias que não são contrárias a Deus e Sua Palavra.

Quanto ao primeiro tipo de ordens e direções, as quais são divinas, essas expressões quanto a *não se desviar para a direita, ou para a esquerda* (Dt. 5.32; 17.20; 28.14; Js. 1.7; 23.6; Pv. 4.27); quanto a *não ir além da palavra do Senhor, para fazer mais ou menos* (Nm. 22.18), ou *para fazer o bem ou mal da própria mente de alguém* (Nm. 24.13) indicam uma aproximação e um chegar mais perto da Palavra de Deus, de modo que não nos desviemos dela em nada, nem nas circunstâncias. Essa primeira expressão quanto a *não se desviar para a direita, ou para a esquerda*, expressa que a Palavra de Deus é como um caminho reto, onde somente nós podemos andar para alcançar a felicidade, e sendo esse o caminho, não podemos nos desviar dele para qualquer lado, para qualquer lugar. A frase é utilizada naquela promessa que os *Israelitas* fizeram a *Edom*, quando desejavam passar por sua terra: “*deixa-nos passar*”, disseram eles, “*pela tua terra; não passaremos pelo campo, nem pelas vinhas, nem beberemos a água dos poços; seguiremos pela estrada real; não nos desviaremos para a direita nem para a esquerda, até que tenhamos passado teus termos*” (Nm. 20.17). Eles, por meio disso, professaram que se manteriam somente no caminho, e que, em nenhum momento e em nenhum lugar, dariam

um passo fora dele, nem pensariam em retornar até ele novamente. Dessa forma, isso indica que não é o suficiente seguir a direção de Deus em algumas coisas e andar assim nesse caminho, enquanto se desvia da Sua direção em outras coisas e assim andar fora dele; porém, devemos seguir este caminho em todas as coisas. Sim, embora haja ocasiões de toda sorte, alguns nos estimulando a um caminho, outros a outro caminho, alguns para a direita, alguns para a esquerda, alguns mais honestos na aparência do que outros, contudo, não devemos nos submeter a qualquer um deles. A ordem dada a Moisés (*“observa para que os faças conforme o seu modelo, que te foi mostrado no monte”* - Êx. 25.40) não diz respeito somente ao assunto e substância geral, mas também ao modo e circunstâncias particulares. Assim, todos esses epítetos nas direções e mandamentos divinos são utilizados para declarar a maneira de realizar as coisas exigidas.

Quanto a isso, Josias testificou o seu respeito para com Deus e a Sua Palavra, *“ele fez aquilo que era reto à vista do Senhor, [...] e não se desviou para a direita, nem para a esquerda”* (2 Rs. 22.2), o que é declarado mais plenamente adiante: *“ele se voltou ao Senhor com todo o seu coração, e com toda a sua alma, e com todo o seu poder, segundo toda a lei de Moisés”* (2 Rs. 23.25).

Quanto às direções e ordens que os homens que estão em autoridade sobre nós podem dar, a expressão mencionada anteriormente aplica-se a eles. Quando Deus apontou juízes sobre o Seu povo para decidir assuntos de controvérsia, Ele ordenou que Seu povo deveria fazer *“conforme o juízo”* destes juízes, e *“não se desviar da sentença que eles mostrassem, nem para a direita, nem para a esquerda”* (Dt. 17.11). Os israelitas professaram que tinham ouvido *“Moisés em todas as coisas”*, e prometeram assim também ouvir a Josué (Js. 1.17).

Prestar tal obediência à ordem de Deus, no assunto e na maneira, na substância e nas circunstâncias dela, é um verdadeiro reconhecimento, não somente da Sua soberania e poder para ordenar, mas também da Sua sabedoria em ordenar os Seus comandos, de modo que deve ser dada boa atenção a todas as circunstâncias dela. Nenhuma delas, nem a menor, é vã.

Ser consciencioso na realização de tudo aquilo que Ele manifesta ser a Sua vontade, quer nos pareça substancial ou circunstancial, também manifesta um respeito mui obediente a Deus. Quando não questionamos a Sua ordem, mas prontamente realizamos qualquer coisa que é ordenada, isso mostra que nós, humildemente, podemos submeter os nossos pensamentos ao conselho de Deus.

Tal sujeição aos nossos governantes é uma demonstração externa de respeito que temos àquela posição na qual Deus lhes estabeleceu sobre nós e àquela autoridade que Ele lhes deu. Aqueles que obedecem unicamente àquelas coisas que julgam ser substanciais e graves parecem obedecer mais pela matéria do que por causa da autoridade; e aqueles que negligenciam ou recusam observar as circunstâncias dadas na ordem mostram que eles se julgam mais sábios do que seus governantes e que sabem como distinguir entre assuntos necessários e não necessários melhor do que seus governantes, o que os classifica como totalmente orgulhosos e presunçosos.

§ 56. DO PERIGO DA OBEDIÊNCIA INSUFICIENTE.

1. **A** obediência de muitos homens é, por meio disso, descoberta como mui insuficiente e defeituosa, especialmente em relação às direções e aos mandamentos divinos, bem como

a obediência daqueles que pensam muito daquilo que fizeram. Exemplo disso é a obediência de *Saul*. Ele, como parece, foi bem presunçoso quanto à sua obediência, quando se encontrou com *Samuel* com essa congratulação: “*bendito sejas tu do Senhor; eu cumpri o mandamento do Senhor*” (1 Sm. 15.13). Contudo, *Samuel* contestou a sua obediência (v. 19) e a chamou de *rebelião* (v. 23). *Saul* realizou a substância da ordem de Deus (v. 3), pois ele *feriu Amaleque* (v. 7). Mas ele falhou na extensão dessa ordem. Ele não *destruiu por completo tudo o que eles tinham* (v. 3); ele “*poupou o melhor das ovelhas e dos bois*” (v. 15). Isso retirou a glória, consolo, e benefício da sua obediência geral. Sua recompensa foi a recompensa da rebelião. Isso custou a ele o seu reino (1 Sm. 15.23). A indignação de Deus contra a falha [de obediência] em tais coisas que o homem tolo pode considerar como circunstâncias é manifesto no exemplo daquele *homem de Deus* que foi enviado até *Jeroboão* (1 Rs. 13.1, etc.). Ele entregou fielmente toda a sua mensagem, e, embora o rei tenha lhe convidado a permanecer consigo e revigorar-se, ainda assim, ele não ficaria, porque o Senhor o tinha proibido de fazer assim. Contudo, porque ele posteriormente acreditou em outro profeta contrário àquela parte da ordem de Deus e voltou com ele para comer e beber em sua casa, isso custou-lhe a sua vida: um leão lhe encontrou e o matou.

Tanto a substância como as circunstâncias de uma ordem estão estabelecidas sobre a mesma autoridade. Falhar em qualquer uma delas é transgredir a Sua vontade, que ordenou uma assim como a outra. Então, não é de se maravilhar que o realizar de uma seja maculado pela omissão da outra.

§ 57. DO RESPEITO DEVIDO À CADA PARTE DAQUILO QUE NOS É ORDENADO.

2. **N**os convém que, sábia e atentamente, prestemos a devida e diligente atenção em toda ordem que nos é dada em dever, nas partes particulares dela, e em todas circunstâncias pertencentes a ela, para que, através de uma observação consciente de todas elas, possamos nos mostrar *fiéis àquEle que nos constituiu* (Hb. 3.2), como Deus disse a respeito de Moisés: “*ele foi fiel em toda a minha casa*” (Nm. 12.7). É honroso àquele que dá a ordem ser obedecido em todas as partes e particularidades dela. Portanto, isso também será aceitável a Ele. A este respeito, não pode existir maior conforto e vantagem para aquele que presta a obediência. Foi por meio disso que *Ezequias* consolou-se em seu leito de enfermidade e, também por meio disso, foi encorajado a invocar ainda a Deus para reverter essa sentença de morte que havia sido dada contra ele (Is. 38.3). Quanto ao “*coração perfeito*” que ele mencionou em sua oração, era este respeito imparcial que ele tinha quanto a todas as coisas dadas a ele como ordem da parte do Senhor. Na Escritura, um coração perfeito expressa um coração *inteiro*, ou *todo o coração*. E este coração que tem respeito a toda vontade de Deus, à medida em que ela se faz conhecida a ele, é chamado apropriadamente de *todo coração*. Se alguém objetar que um coração perfeito significa um coração sincero, eu respondo que o ponto especial da sinceridade consiste na supra-citada inteireza.

§ 58. DA RAPIDEZ EM ALIVIAR O AFLITO.

III. **D**eve haver pressa para aliviar aqueles que estão em aflição⁴³. Quando Abraão ouviu que seu irmão Ló foi tomado pelos inimigos, ele rapidamente reuniu um exército antes que seu inimigo pudesse escapar, e não esperou a luz do dia, mas marchou *durante a noite* (Gn. 14.15). Parece que Saul fez assim para socorrer Jabes-Gileade (1 Sm. 11.11). Pois *ele entrou no meio do exército dos inimigos na vigília matinal*, de modo que ele necessariamente marchou no período da noite. Quando a *sunamita* viu que seu filho estava morto, mas estava persuadida que ele poderia ser restaurado à vida pelo profeta Elias, ela disse ao seu marido: “*rogo-te que me envies um dos moços e um dos jumentos, para que eu possa correr até ao homem de Deus*” (2 Rs. 4.22). O nobre homem que disse a Cristo “*Senhor, desce, antes que meu filho morra*”, tinha por intenção que Ele se apressasse o quanto pudesse (Jo. 4.49). Dessa forma fez aquele que disse: “*se tu podes fazer alguma coisa, tem compaixão de nós, e ajuda-nos*” (Mc. 9.22). Dessa forma, o pai do [filho] *pródigo*, vendo seu filho ainda longe esfarrapado e identificado, “*teve compaixão, e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço*” (Lc. 15.20).

Assim, o socorro intencionado virá mais convenientemente; assim, ele pode ser mais proveitoso e benéfico. Quando há pressa, muito perigo (que a demora e a remoção do auxílio provocam) é frequentemente prevenido. Tanto *Marta* como *Maria* tinham isso por intenção, quando disseram a Jesus: “*Senhor, se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido*” (Jo. 11.21, 32). Se Cristo pudesse apenas curar a doença, e não também ressuscitar da morte, aquilo que elas disseram teria seu propósito.

§ 59. DO PERIGO DA DEMORA PARA SOCORRER.

1. Grande é a desumanidade daqueles que não fazem uso das oportunidades para oferecer socorro àqueles que estão em aflição. Isso é diretamente contrário à regra da caridade, que é ser tão afetado com a miséria do irmão, de modo que não se pode permitir que ele permaneça nisso além do período em que se é capaz de libertá-lo. O *homem sábio* proíbe expressamente toda demora em demonstrar misericórdia, dizendo: “*não digas ao teu vizinho: Vai, e volta novamente amanhã e dar-te-ei, se já o tens contigo*” (Pv. 3.28). Bons propósitos frequentemente se tornam em nada por causa da demora. Pois, à primeira vista, ou no conhecimento da miséria do outro, as entranhas de alguém podem comover-se, e, com isso, ele se propõe a oferecer o melhor que ele pode àquele que está na miséria. Porém, ao adiar, a sua compaixão se esfria, e o seu propósito nisso é alterado, e assim nenhum socorro é oferecido. De fato, pela demora da ajuda, ainda que permaneça o propósito de fazer o melhor que pode, a ajuda pode vir muito tarde, como um perdão quando o malfeitor já está enforcado, e um remédio quando o paciente já se recuperou. É disso que se trata este provérbio: “*é tarde demais para fechar a porta do estábulo quando o corcel já foi roubado*”⁴⁴. O qual merecidamente foi dito a respeito daquele que falou “eu desprezo oferecer ajuda tarde demais”.

44 - Hector. apud. Eurip. em Rheso.

§ 60. DO RÁPIDO SOCORRO.

2. **P**ara que manifestemos o nosso verdadeiro desejo de aliviar a necessidade de nossos irmãos conforme a nossa capacidade, que tomemos a oportunidade que é oferecida a nós pela providência divina, e, no primeiro momento de necessidade, corramos o mais rápido que pudermos para auxiliar. Assim nos mostraremos parecidos com Deus. Os antigos gregos davam a Deus o seu nome a partir dessa propriedade divina de ser rápido em socorrer. Sobre o Filho de Deus, é observado frequentemente que, quando percebia esse e aquele em miséria, Ele tinha compaixão deles e curava, ou os auxiliava de outra maneira, isto é, naquele mesmo momento quando Ele os via (Mt. 14.14; Mc. 1.41; Lc. 7.13, 14). Ele não demorava para socorrer, Ele não adiava, pelo contrário, presente e imediatamente dava prova externa da Sua compaixão interna. *“Sede, pois, seguidores de Deus, como filhos queridos; e andai em amor, como também Cristo nos amou”* (Ef. 5.1, 2). E, assim como Deus e Cristo manifestam seu amor a nós por meio de um socorro rápido e oportuno, que, da mesma maneira, venhamos a dar prova do nosso verdadeiro amor. Para esse fim, *nos lembremos daqueles em cativeiro, como se cativos com eles, e daqueles que sofrem adversidades, como se nós mesmos também estivéssemos em nosso corpo* (Hb. 13.3). Que façamos do caso daqueles que estão na miséria como o nosso próprio caso. Assim como não desejaríamos que outros que são capazes de nos ajudar nos deixassem arder no fogo da aflição, mas que com toda a velocidade pudessem nos retirar dele, assim também façamos em relação a outros. Um alívio prestado rapidamente é como um alívio em dobro.

§ 61. DA CORAGEM QUE UMA BOA AUTORIZAÇÃO [VINDA DA PARTE DE DEUS] OFERECE.

IV. **U**m bom chamado pode tornar alguém corajoso no perigo⁴⁵. Isso é verdadeiro quanto àqueles que tiveram a autorização de um chamado extraordinário e quanto àqueles que têm chamados ordinários autorizados. *Moisés*, em virtude do seu chamado especial, se opôs corajosamente contra *Faraó*, não temendo a ira do rei (Êx. 10.3, etc.). *Josué*, em virtude do chamado, empreendeu guerra contra muitas nações e reinos poderosos (Hb. 11.27). Assim fizeram muitos dos juízes. *Davi*, sobre este fundamento, enfrentou um urso em uma ocasião, e um leão em outro momento, e matou a ambos (1 Sm. 17.34). Um sacerdote, em virtude do seu chamado, prontamente e seguramente admitia que leprosos viessem até ele, os verificava, tocava neles, e ia até as casas infectadas pela lepra, para ver onde ou quão longe a lepra tinha se espalhado, ainda que ela fosse contagiante (Lv. 13.2, etc.; 14.36, etc.).

Um bom chamado é aquele no qual Deus, pela Sua divina providência, estabelece um homem no caminho que já apontou para ele andar. “*Ele dará aos seus anjos comando sobre ti, para te guardarem em todos os teus caminhos*” (Sl. 91.11). Se temos anjos para ministrar por nós (Hb. 1.14) e para acampar ao nosso redor (Sl. 34.7), qual necessidade iremos temer? Eles nos manterão seguros do perigo desse mundo. Ou, caso pareça bom a Deus nos retirar desse mundo, eles conduzirão as nossas almas até o céu, como fizeram com a alma de *Lázaro* (Lc. 16.22).

Quanto à aplicação desse ponto, é exigido que sejamos bem instruídos pela Palavra de Deus quanto ao tipo do nosso

chamado, se ele é lícito e autorizado ou não. Quanto aos chamados extraordinários, eles devem ser autorizados por um espírito extraordinário, o que é raro em nossos dias, senão sempre. Porém, chamados ordinários têm a sua autorização expressa na Palavra de Deus, como os chamados dos magistrados, ministros, soldados, maridos e esposas, pais e filhos, senhores e servos, cuidadores e auxiliadores em todos os tipos de necessidades. Estes podem e devem, em suas posições e chamados, se expor ao perigo para realizar a obra que, em virtude de sua posição, pertence a eles. Capitães e soldados devem permanecer de pé contra os inimigos, ainda que coloquem a sua vida em perigo por meio disso. Os magistrados devem continuar nas cidades e em outros lugares sitiados ou infectados com doenças contagiosas, para verificar se a boa ordem está sendo mantida, para ordenar o suprimento das necessidades que são próprias a cada um, ainda que, habitando lá, estejam em perigo. Assim, os ministros devem permanecer em tais lugares para instruir, dirigir, confortar, encorajar o povo sob seu ofício. Assim, maridos e esposas, sendo uma só carne, devem ter tal tenro respeito de um para com o outro, de modo a não esquecer um ao outro pelo temor da infecção ou outro perigo similar. Também os servos, cuidadores e outros que tomam tais casos sobre si, apontados, pela autoridade pública, para serem auxiliadores daqueles que foram infectados com a praga, ou qualquer outra doença contagiosa e infecciosa, estão obrigados a atender tais pessoas e continuar com eles, sim!, ainda que isso seja um perigo para as suas próprias vidas. Pois é necessário que tais pessoas sejam observadas. Esquecer e deixar aqueles que não são capazes de auxiliar a si mesmos é mais do que uma bárbara desumanidade. É necessário que alguém continue com eles. Quem mais está obrigado a isso

do que aqueles que possuem um chamado especial para tal? Eles podem, com maior segurança, depender da providência especial de Deus para a proteção da infecção. Caso sejam infectados e morram, eles, com maior consolo, podem render sua alma às mãos de Deus, enquanto morrem naquela posição onde Deus lhes estabeleceu. Neste caso, Deus os chamou para entregar *suas vidas pelos seus irmãos*, e, por meio disso, dar evidência de seu verdadeiro amor fraternal.

Antigamente, os cristãos eram tão caridosos em aliviar aqueles que foram visitados pela praga, que eles voluntariamente arriscavam as suas próprias vidas. Para a prova disso, colocarei aquilo que *Dionísio*, bispo de Alexandria, reporta em uma epístola aos irmãos no Egito:

“Muitos de nossos irmãos, por razão do seu grande amor e caridade fraternal, não se poupavam, uniam-se uns aos outros, visitavam o doente da praga, e os atendiam diligentemente, os curavam em Cristo, o que custava-lhes as suas vidas. E, estando cheios de outras moléstias dos homens, tomavam a infecção do seu próximo, e traziam de bom grado as aflições de outros sobre si mesmos, cumprindo, de fato, o ditado comum de que a amizade deve sempre ser guardada, e deixando essa vida, se tornavam semelhantes à escória de outros. Os melhores de nossos irmãos deixaram assim essa vida, dos quais alguns foram ministros, alguns diáconos de grande reverência entre o povo comum. De modo que esse tipo de morte, por causa da grande piedade e força da fé deles, parece em nada diferir-se do martírio. Pois eles tomavam os corpos mortos dos santos, cujos peitos, mãos, e faces estavam voltadas para o alto, e fechados seus olhos, fechavam suas bocas, e juntamente com a concordância de alguém de afeto similar, lhes abraçavam, lavavam, e preparavam seus funerais, e pouco tempo depois ordenavam o mesmo quanto a si mesmos. Vivendo continuamente, traçavam os passos da

morte. Porém, entre os pagãos, todos sentem o contrário. A pestilência raramente tinha lugar entre eles, pois se afastavam e fugiam daqueles que mais amavam e dos amigos mais próximos. Empilhavam apressadamente os mortos nas ruas. Deixavam os mortos sem enterrar, para serem devorados pelos cães, com o fim de conseguirem evitar a morte, da qual eles não poderiam escapar.”

Eis aqui a diferença entre os homens que possuem fé e homens sem fé.

§ 62. DE PESSOAS PÚBLICAS SE ABSTEREM DE VISITAR PESSOAS PARTICULARES INFECTADAS COM DOENÇAS CONTAGIOSAS.

Questão I. **A**queles que possuem chamados públicos são obrigados a ir até pessoas particulares e privadas que foram infectadas para visitá-las?

Resposta: Não encontro qualquer fundamento na sagrada Escritura para comprometer pessoas públicas a arriscar a sua vida no caso de homens particulares. Eles estão colocados sobre a sociedade, não sobre uma ou duas pessoas particulares. De fato, todo membro particular da sociedade pertence ao seu cargo e eles devem fazer aquilo que podem para o bem de toda pessoa particular sob seu cargo, [mas] à medida que for para o bem de todo o corpo e não se provar prejudicial a ele. Porém, se eles podem ser infectados pela visita a pessoas particulares, e por essa infecção a sua vida pode ser tirada, isso não se prova um prejuízo e dano a todo o corpo? Esse é o caminho? É o chamado de uma pessoa pública ir até a casa de um homem particular que está infectado? Em todo lugar podem ser encontradas pessoas

privadas competentemente capacitadas a realizar tais deveres que exigem-se ser feitos àqueles que foram visitados com a doença, ou pelo menos pessoas apropriadas que não possuem empregos públicos podem ser escolhidas e separadas para visitar os doentes em lugares contagiosos, para consolá-los e verificar se todas as coisas se encontram disponíveis a eles, para ser isso devidamente realizado.

§ 63. DA SUBSTITUIÇÃO DE OUTROS NO LUGAR DE ALGUÉM NO MOMENTO DO PERIGO.

Questão II. **E** se outros puderem ser tomados para suprir as posições daqueles que possuem o supracitado chamado especial, isso não pode dispensá-los para se absterem?

Resposta: Sem dúvidas, pode-se fazer diferença entre pessoas. Alguns magistrados são de tal utilidade em uma comunidade que é apropriado que eles sejam, no que depender do homem, preservados do perigo. Sobre este fundamento, quando o rei *Davi* foi para a batalha com os seus soldados, “o povo [...] respondeu: Tu não sairás; [...] tu vales dez mil de nós” (2 Sm. 18.3). A partir disso, pessoas eminentes e excelentes podem ser isentas de permanecer em lugares perigosos, e outros podem substituir seu título e lugar, para preservar a paz, manter a boa ordem, e providenciar as necessidades. Aqueles que substituirão devem ser capazes e voluntários para realizar os deveres que lhes são delegados. O mesmo pode ser dito sobre os ministros, sim, também sobre os maridos, pais, senhores, e similares: deixar uma esposa, um filho, um servo infectado por uma doença infecciosa aos cuidados de outros que são apropriados e voluntários para realizar esse dever, bem como fiéis naquilo que empreendem, não é esquecer esposa, filho, ou servo.

§ 64. DA OBSERVAÇÃO DOS JULGAMENTOS DE DEUS.

V. **O**s julgamentos de Deus devem ser observados devidamente⁴⁶. A respeito deles, diz o Senhor: “Eis [...], observai; maravilhai-vos e admirai-vos” (Hc. 1.5). Na santa Escritura, é comum prefixar essa nota de observação “eis” antes dos julgamentos de Deus (Gn. 3.22; 6.17; 1 Sm. 3.11; Is. 13.17; Ap. 11.14). Quando Cristo disse “*lembrai-vos da esposa de Ló*”, Ele tinha por intenção uma séria observação dos julgamentos de Deus (Lc. 17.32). Os muitos memoriais que eram feitos pelos *israelitas* sobre os julgamentos de Deus implicavam em uma devida consideração deles⁴⁷.

“O Senhor é conhecido pelo juízo que executou” (Sl. 9.16). Seu poder, Sua justiça, Seu ódio contra o mal, Seu zelo, Sua verdade, Sua providência, e outros dos Seus atributos divinos são evidentemente manifestados nos e pelos Seus julgamentos. Portanto, por meio de uma devida observação deles, obtemos um maior conhecimento a respeito de Deus e somos trazidos a confiar mais nEle, e temê-Lo, sermos mais cuidadosos em agradá-Lo, mais atentos em evitar todas as coisas que podem ofendê-Lo. Sobre esse fundamento, o profeta diz: “quando Teus juízos estão na terra, os habitantes do mundo aprendem a justiça” (Is. 26.9).

Eis aqui uma razão especial a respeito do pouco proveito que se faz quanto aos julgamentos que o Senhor, de tempos em tempos, executa no mundo: eles não são considerados, mas passam sem qualquer correta observação delas. Os profetas muito se queixavam disso (Sl. 28.5; Is. 5.12; 57.1). Pode ser que os homens dêem atenção aos julgamentos que caem sobre as suas próprias

46 - Veja §53

47 - Veja *The Churches Conquest* em Êx. 17.14, §65

cabeças, ao menos enquanto estão debaixo deles e sentem o peso ou a agudeza deles. Porém, quem é que considera e coloca em seu coração, ao menos um pouco, os julgamentos que Deus inflige sobre outros? Ou até mesmo sobre os julgamentos que foram colocados sobre si, depois que foram removidos ou levados embora? Por meio disso a grave disposição tola e servil dos homens é manifestada.

A tolice deles em negligenciar a oportunidade de receber o aviso através do prejuízo de outros homens (como falamos no provérbio). É uma evidência da grande indulgência de Deus para conosco, punir a outros diante de nossos olhos; enquanto que Ele pode justamente nos punir para dar exemplo a outros. Fazer o uso disso para se tornar melhor é uma característica especial de sabedoria. Porém, não considerar tal providência é uma notória tolice.

A disposição servil deles em considerar os golpes somente no momento em que vêm sobre si e sente a agudeza deles. Desse modo, ele provoca Deus a tratá-lo como um escravo e adicionar golpe sobre golpe, julgamento sobre julgamento.

Aprendamos a ser mais sábios, mais perspicazes. Apliquemos o ponto supracitado sobre a consideração dos julgamentos de Deus a todo modo de julgamentos, quer sejam eles infligidos sobre outros ou sobre nós mesmos; quer sejam eles públicos ou privados; quer venham imediatamente das próprias mãos de Deus ou por meio das mãos de outros, que são instrumentos de Deus; quer sejam eles julgamentos repentinos ou prolongados, quer sejam eles temporais ou espirituais; de qualquer tipo ou de qualquer sorte. Dessa maneira, a luz surgirá das trevas, alimento daquilo que consome, consolo do julgamento, proveito da punição. Dessa maneira, os julgamentos de Deus são santificados; dessa maneira os santos são conduzidos, por meio de uma verdadeira experiência, a dizer: “*foi-me bom ter sido afligido*” (Sl. 119.71).

§ 65. DO SENTIDO E ESCOPO DO VERSO 48.

Números 16.48: “E ficou entre os mortos e os vivos, e a praga cessou”

Aqui há uma circunstância utilizada por *Arão* que vai além do que é expresso como ordem por parte de *Moisés*; porém, não contrária a qualquer coisa ordenada; mas, antes, que poderia ser deduzida por consequência. Pois ele *foi até a congregação*, entre aqueles sobre os quais a praga havia começado. Ele também foi fazer uma expiação; a expiação não era pelos mortos, antes, pelos vivos. Para mostrar que foi por causa daqueles que estavam vivos, ele fica entre os vivos e os mortos, deixando os mortos atrás dele, voltando o seu rosto aos vivos, segurando o incenso diante deles, para que os vivos pudessem observar a fumaça dele subindo ao céu em favor deles. Nisso, ele tipificou o verdadeiro e o grande Sumo-Sacerdote, o Senhor Jesus Cristo, o nosso Mediador, *aquele que se põe entre nós e a ira destruidora de Deus*⁴⁸.

Essa frase “entre os mortos e os vivos” mostra que os mortos caíram entre os vivos, de modo que os vivos estavam em grande perigo de morte.

Posto isto, se infere que “*a praga cessou*”. A palavra traduzida como “*cessou*” significa propriamente encerrar ou segurar dentro de uma coisa, de modo que ela não possa ir além. Ela é frequentemente colocada para expressar o fechar do ventre da mulher, de modo que nenhum filho possa vir dela (Gn. 16.2; 20.18; Pv. 30.16). E também para o encerrar ou fechar dos céus, de modo que não possam enviar a chuva (2 Cr. 7.13; 1 Rs. 8.35); e para a rápida contenção do fogo, de modo que não venha a irromper adiante (Jr. 20.9). Todas essas aplicações da palavra indicam que o Senhor, por Sua forte mão, deteve essa praga, que foi como

48 - Sobre a intercessão de Cristo, veja §38

uma besta devoradora, desejosa por devorar mais e mais, de modo que não viesse a causar mais dano.

Nesse verso, temos *a eficácia dos meios que Arão utilizou*.

Dois pontos devem ser particularmente expressados:

1. *A maneira do uso dos meios: "ficou entre os mortos e os vivos".*
2. *O efeito disso: "a praga cessou".*

A menção dos *vivos*, pelos quais *Arão* esteve entre eles e os mortos, na primeira parte, nos dá a entender que,

I. *Meios devem ser utilizados para a preservação dos vivos.* A mistura dos mortos com os vivos, que se infere pelo cuidado de *Arão* em permanecer entre eles, mostra que os vivos estavam em grande perigo de morte, em um caso desesperador em relação aos meios humanos, e nos leva a saber que,

II. *Meios devem ser utilizados nas aflições mais desesperadoras.* A última parte que declara o *efeito* dos meios, visto que ele tem relação aos meios utilizados, nos dá um exemplo de que,

III. *Meios autorizados utilizados corretamente se provam efetivos.* Uma vez que o efeito mencionado de *cessar a praga* tem relação com Deus, a quem o incenso foi oferecido, e por meio de quem este efeito veio a ocorrer, isso dá a prova de que,

IV. *Deus tem absoluto poder sobre as pragas.* Assim como Ele enviou essa praga, sobre a qual foi dito antes⁴⁹, Ele também refreia e restringe essa praga; Ele também fecha a boca da besta devoradora, de modo que ela não possa mais destruir; Ele cala e prende esse cão enlouquecido, de modo que ele não possa morder nem mais um sequer.

§ 66. DO USO DOS MEIOS PARA PRESERVAR OS VIVOS.

I. **M**eios devem ser utilizados para a preservação dos vivos⁵⁰. Depois que três mil daqueles que vieram do Egito foram mortos devido à adoração ao bezerro de ouro que Arão fez (Êx. 32.28, etc.), Moisés sobe novamente ao monte para orar pela preservação daqueles que permaneceram vivos. Assim também fez Davi em favor daqueles que foram poupados depois que setenta mil foram destruídos por uma pestilência (2 Sm. 24.17). Isso foi o que Ezequias desejou que Isaías fizesse: “*ergue a tua oração pelo remanescente que é deixado*” (Is. 37.4); e o que o restante do povo, depois do cativoiro, desejou que Jeremias fizesse: “*ora [...] por todo este remanescente*” (Jr. 42.2).

Se os homens pecaram, enquanto viverem, eles podem se arrepender. “*Os vivos o aplicam ao seu coração*” (Ec. 7.2). Enquanto viverem, eles podem usar os dons e habilidades da mente ou do corpo que Deus os deu para honrá-Lo, e para o bem deles mesmos e de outros; enquanto viverem, eles podem aperfeiçoar as boas coisas que possuem; eles podem também se atentar melhor a isso; enquanto viverem, eles podem buscar assegurar a salvação eterna de suas almas. A vida é o momento para receber toda graça necessária e para fazer toda forma de bem (Gl. 6.10). Este é o dia no qual os homens podem labutar (Jo. 9.4). *O vivente, o vivente, ele te louvará, oh! Senhor. A sepultura não pode te louvar. A morte não pode celebrar a ti. Aqueles que descem à cova não podem esperar por tua verdade* (Is. 38.18, 19). “*Na sepultura, [...] não há trabalho, nem projetos, nem conhecimento, nem sabedoria*” (Ec. 9.10). Nestes aspectos, este provérbio é verdadeiro: “*um cão vivo é melhor do que um leão morto*” (Ec. 9.4).

50 - Veja §65

Quão tolos, quão ímpios, quão sacrílegos são aqueles que desperdiçam seu incenso suave da oração em vão, como todos aqueles que o oferecem pelos mortos⁵¹. Se fosse útil em favor dos mortos, por que *Arão ficaria entre os vivos e os mortos?* Por que ele faria diferença entre eles? Por que ele não ofereceu também incenso pelos mortos, assim como fez pelos vivos?

Visto que desejamos fazer da oração agradável a Deus um consolo para as nossas próprias almas e proveitosa a outros, que a derramemos por aqueles para os quais ainda há alguma esperança, e somente por aqueles que estão vivos. “*Enquanto a criança ainda estava viva*”, disse Davi, “*eu jejei e pranteei*” (2 Sm. 12.22). Por esses [que estão vivos], por todos os tipos, na saúde, na doença, na segurança, no perigo, enquanto ainda são jovens, bem crescidos ou velhos, qualquer que seja o caso, em qualquer condição que estiverem, para obter qualquer bem que possa ser necessário para eles e para libertá-los de qualquer mal ao qual estejam sujeitos, nós podemos e devemos orar.

§ 67. DO USO DOS MEIOS EM CASOS DESESPERADORES.

II. **M**eios devem ser utilizados nas aflições mais desesperadoras⁵². Isso deve ser entendido especificamente quanto aos meios espirituais, pelos quais, imediata e diretamente, a ajuda de Deus é buscada, aquEle que pode ajudar em tais casos, uma vez que os homens não podem encontrar qualquer ajuda para eles nesses momentos. Os médicos podem encontrar bom

51 - Veja mais contra a oração pelos mortos em *The Whole armor of God*, em Ef. 6.18, §39, 40, etc.

52 - Veja §65

fundamento em desistir de um paciente, uma vez que, segundo o curso da natureza, todos os meios que eles podem utilizar não farão qualquer bem. Porém, um cristão nunca deve cessar de usar o *catholicon* [isto é, o remédio universal] espiritual, aquele remédio geral que é apropriado para qualquer mazela: a oração. Observe os exemplos dados na seção anterior e você encontrará orações de *Moisés*, *Davi* e *Isaías* sendo feitas em casos desesperadores. O filho de *Davi* estava, sem dúvida, aos olhos humanos, além de qualquer recuperação, quando ele “*jejuou, e entrou e ficou prostrado a noite toda sobre a terra*” e buscou a Deus por isso (2 Sm. 12.16). Ainda mais curado foi *Ezequias*, quando Deus enviou-lhe essa mensagem: “*tu morrerás e não viverás*”; ainda assim, ele *orou ao senhor* e foi ouvido (Is. 38.1, 2). Os casos de muitos que estavam desesperados e foram até Cristo buscando pela cura nos dias da Sua carne, e encontraram ajuda. Entre outros exemplos, “*certa mulher, vítima de um fluxo de sangue havia doze anos, e tinha sofrido muitas coisas de muitos médicos, e tinha gasto tudo o que ela tinha, e não havia melhorado, mas antes cada vez pior*”, veio até Cristo e foi curada (Mc. 5.25, 26). Assim também *a mulher a quem Satanás limitava por dezoito anos* (Lc. 13.11). Assim também o homem “*que tinha uma enfermidade há trinta e oito anos*” (Jo. 5.5). Assim também muitos *leprosos, endemoninhados*, homens, mulheres e crianças no momento da morte, e muitos outros visitados por mazelas incuráveis.

O poder divino não é limitado por qualquer limitação natural; ele não é restringido dentro daquele limite que é prescrito às criaturas. Ele pode oferecer socorro quando as criaturas podem pensar que nenhum socorro pode ser oferecido. Exemplo disso é o remédio que Deus ofereceu ao homem após a sua queda.

De fato, enquanto os homens podem pensar que a ira divina foi implacavelmente inflamada, pode haver pensamentos de misericórdia em Deus. Depois que o Senhor submergiu o mundo [no dilúvio], *Ele cheirou um aroma suave, e disse em Seu coração: "Eu não amaldiçoarei novamente a terra"* (Gn. 8.21). Depois que Ele tinha ameaçado deserdar *Israel, Moisés, orando por eles, disse: "conforme a tua palavra, lhe perdoei"* (Nm 14.20).

Que encorajamento nós temos agora para continuar a nossa urgente oração para que cesse essa praga que agora encoleriza-se tanto entre nós. Quantas centenas mais serão tomadas a cada semana? *"Eis que a mão do Senhor não está encolhida para que não possa salvar, e nem o seu ouvido obstruído para que não possa ouvir"* (Is. 59.1). Embora *não saibamos o que fazer, contudo, que os nossos olhos estejam sobre o Senhor* (2 Cr. 20.12). Muitos milhares caíram mortos antes de nós, contudo, ainda há muitos vivos entre nós. *Cristo, o nosso verdadeiro Arão, o nosso verdadeiro e grande Sumo-Sacerdote, Ele permanece entre os vivos e os mortos. Ele, por meio de Sua intercessão, pacificará a ira de Seu Pai e buscará o Seu favor pelos vivos. Como aqueles que foram picados pelas serpentes ardentes olharam para a serpente de bronze, que, da mesma maneira, os nossos olhos da fé estejam somente em Jesus, no alto da destra de Seu Pai. Que nem as multidões daqueles que estão mortos, nem o presente furor dessa praga venham a nos intimidar demasiadamente; que continuemos a oferecer o nosso incenso a Deus, e esperar pelo Seu tempo de libertação e libertação em Seu tempo. Para nos encorajar ainda mais quanto a isso, que o ponto seguinte seja bem observado.*

§ 68. DA EFICÁCIA DOS MEIOS CORRETOS.

III. **M**eios garantidos utilizados corretamente se provam efetivos⁵³. Isso pode ser exemplificado através de todos esses meios extraordinários que estão registrados na Escritura a serem prescritos ou garantidos por Deus. Porém, insistindo [aqui] somente em tais meios ordinários que são garantidos a nós e à toda Igreja de Deus, em todas as eras, examine as orações que os santos, de tempos em tempos, têm feito a Deus para obter as boas coisas e remover os males; sim, [examine] os seus jejuns, suas lágrimas, suas várias maneiras de humilharem-se, e você perceberá que estes sempre foram efetivos, caso corretamente utilizados, como eu já declarei mais plenamente em outro lugar⁵⁴.

O poder, a sabedoria, a verdade e outros atributos similares de Deus estão engajados nos meios que Ele mesmo garantiu. Caso eles, sendo corretamente utilizados, venham a falhar na sua eficácia, pode-se pensar que aqui Ele que os ordenou seja imprevidente na escolha de tais meios, ou ineficaz e incapaz de trazer aquilo que intenta ao Seu efeito, ou infiel e negligente em fazer este bem ao Seu povo, o qual, pela Sua Palavra, Ele os faz esperar. Porém, estas coisas estão longe de Deus. Portanto, todas as coisas ordenadas por Ele, asseguradamente, são efetivas para executar a finalidade à qual Ele as ordenou, caso não haja, no menor grau, uma falha da parte do homem na maneira correta de utilizá-los. Pois podemos confiantemente pensar e dizer que, onde os meios garantidos falharam na sua eficácia, a falta tem sido no uso errado que o homem faz deles. O Apóstolo tem nos ensinado assim, de modo a confirmar; pois ele diz: *“Pedis, e não recebeis, porque pedis mal”* (Tg. 4.3).

53 - Veja § 65.

54 - Veja *The Whole Armour of God*, on Ef. 6.18, §20-22, 97, 104

Agora, seja sábio ao observar quais meios Deus tem garantido para efetuar qualquer coisa que desejamos, e também quais circunstâncias Ele prescreveu para o correto modo de utilizá-los. Seja também consciente e cuidadoso para usar esses meios; e, então, pela fé, dependa da bênção de Deus. Para proceder dessa maneira, tome alguns exemplos:

1. Deus santificou o ministério da Sua Palavra para ensinar e aperfeiçoar a fé e outras graças cristãs necessárias⁵⁵. Portanto, frequente o ministério da Palavra; compareça reverentemente; misture a fé com o teu ouvir; e, para isso, adicione obediência a tudo.

2. Os sacramentos foram ordenados para selar as promessas de Deus, para maior fortalecimento da nossa fé⁵⁶. Portanto, acate a ordenança de que seus filhos, em devida ordem, conforme a direção da Palavra de Deus, devem ser batizados. E creia na extensão dessas promessas: *“Serei um Deus para ti, e para tua semente depois de ti”* (Gn. 17.7); *“a geração dos retos será abençoada”* (Sl. 112.2); *“a promessa é para vós, e para vossos filhos”* (At. 2.39); *“vossos filhos [...] são santos”* (1 Co. 7.14). E assim também, quanto ao outro sacramento, tome consciência sobre a frequente participação dele. Porém, examine a si mesmo, e assim coma daquele pão, e beba daquele cálice.

3. A oração é um meio prescrito para obter a bênção divina sobre qualquer coisa que tenhamos em mão⁵⁷. Portanto, ore continuamente; levante mãos puras sem ira; ore com fé.

4. Em casos extraordinários, a oração deve ser afiada com o jejum⁵⁸. Portanto, ore e jejue. Nos seus jejuns, humilhe a sua

55 - Veja *The Whole Armour of God* em Ef. 6.16, §19

56 - Veja também §67.

57 - Veja *The Whole Armour of God* em Ef. 6.18, §10

58 - *Ibid*, §104

alma, assim como o seu corpo; faça confissão dos seus pecados; e renove o seu arrependimento.

5. Os votos são garantidos para nos comprometer ainda mais firmemente ao dever; e nos restringir ainda mais diretamente do pecado⁵⁹. Portanto, vote em verdade, justiça e discernimento. Vote com uma resolução inalterável para fazer aquilo que votou.

§ 69. DO PODER DE DEUS SOBRE AS PRAGAS.

IV. **D**eus tem poder absoluto sobre as pragas⁶⁰. Repentinamente, tão breve quanto desejar, Ele pode lhes restringir e impedir de devorar algo mais. Assim como Ele disse ao mar “*até aqui tu virás, porém não mais adiante, e aqui ficarão as tuas ondas orgulhosas*” (Jó 38.11), da mesma forma Ele pode dizer à pestilência “*tu continuarás por muito tempo*” e “*não mais*”; “*destruirás a muitos*” e “*não mais*”. O Senhor não ameaçou antecipadamente enviar *uma praga sobre Israel*, nos tempos de Davi, por *três dias* (2 Sm. 21.13, 14), e, correspondentemente, ela continuou *até o tempo designado*? Porém, quando a ira do Senhor foi pacificada, *a praga cessou* (v. 25). Ele não removeu as pragas do *Egito* assim que *Moisés* orou a Ele (Êx. 8.12, 13, 30, 31; 9.33; 10.18, 19)? Esse poder do Senhor sobre as pragas e doenças foi visivelmente manifestado no Filho de Deus, enquanto viveu sobre a terra. Porque Ele dizia uma palavra e elas iam embora, o que o centurião, observando bem, disse a Cristo: “*dize somente uma palavra, e o meu servo será curado*” (Mt. 8.8).

O Senhor, visto que Ele é o Criador, bem como o Governador de todas as coisas, nada pode existir sem Ele, nada pode

59 - Veja *The Whole Armour of God* em Ef. 6.18, §112

60 - Veja §65

permanecer por mais tempos do que Ele deseja. Ele chama, Ele envia, Ele ordena vir, Ele ordena ir; e correspondentemente elas vêm, elas vão; “*não foram rebeldes à Sua Palavra*” (Sl. 105.28).

Visto que desejais que essa praga, que queima tão furiosamente entre nós e destrói a tantos, cesse, utilizai o único remédio que tem poder a este propósito: chamai a Deus, para que a refreie. A praga, em si mesma, é como um cão mastim feroz e enlouquecido, que não cessará de morder, se estiver solto. É necessário que o Senhor das pragas o acorrente. De fato, ela é como o leão voraz, que está pronto para rasgar em pedaços e devorar a todos que pode apanhar. Somente o Senhor pode parar a boca desse leão, assim como parou as bocas dos leões entre os quais *Daniel* foi lançado (Dn. 6.22). Todos os antídotos, todos os meios de preservação, toda sorte de meios externos são nada sem o Senhor. Ele pode preservar a quem desejar, enquanto a praga se torna mais violenta. Ele pode pará-la tão rapidamente, tão repentinamente, tão minuciosamente quanto Lhe agradar. Por isso, invocai a Ele, voltai-vos para Ele, confiai nEle, e não duvideis mais que o nosso Deus, que possui tal poder sobre as pragas, cessará a praga, em Seu bom tempo, quando Sua obra estiver completa sobre essa cidade e sobre essa terra.

Esse é um ponto de muito consolo àqueles que possuem a certeza do amor paternal de Deus para com eles: o Pai deles possui poder absoluto sobre as pragas.

§ 70. DO SIGNIFICADO DO VERSO 49.

Números 16.49: “E os que morreram naquela praga foram catorze mil e setecentos, além dos que morreram no caso de Corá.”

A severidade do golpe de Deus pela praga supracitada é aqui declarada, e isso pelo número expresso daqueles que foram destruídos por aquela pestilência. A partícula traduzida como “*naquela*” (“*naquela praga*”⁶¹), entre outros significados, estabelece frequentemente a causa instrumental, por meio da qual uma coisa é efetuada, como onde o Senhor diz aos judeus que estavam no Egito: “*Eu punirei aqueles [...] pela espada*⁶², *pela fome*⁶³, *e pela pestilência*⁶⁴” (Jr. 44.13). Por isso, outros traduzem esse texto como “*da praga*”, isto é, por ela. A praga foi a causa instrumental da morte deles. As circunstâncias mostram que essa praga, do início ao fim dela, não durou por todo o dia. Pois, assim que o povo se reuniu contra *Moisés* e *Arão*, o Senhor ameaçou consumi-los. Então, *Moisés* e *Arão* caíram sobre as suas faces instantaneamente, e *Moisés*, após isso, discerniu que a praga havia começado, o que fez com que apressasse a *Arão* a oferecer incenso assim que ele viu. *Arão*, por conseguinte, correu em busca do incenso, lhe trouxe, lhe ofereceu, e a praga cessou. Sendo essas circunstâncias devidamente ponderadas, quem pode imaginar que houve mais do que um dia desde o início até o fim dessa praga, de modo que, no espaço de poucas horas, catorze mil e setecentos morreram juntamente pela praga. Oh! Que terrível golpe!

61 - הַפְּגָמָה

62 - בְּרֶחֶב

63 - בְּעָרֶב

64 - הַכְּדָבִי

Para agravar o terror dele, é feita menção de outro terrível julgamento, o qual caiu sobre aquele povo pouco tempo antes, inferido dessa maneira: “*além dos que morreram no caso de Corá*”. A parte anterior deste capítulo registra expressamente qual foi esse assunto. O assunto foi a conspiração de *Corá*, aqui mencionado, junto com *Datã* e *Abirão*, contra *Moisés*, o principal príncipe, e *Arão*, o principal sacerdote, apontados por Deus sobre os filhos de *Israel*. *Corá* era primo de *Arão*, pois eram filhos de irmãos (Êx. 6.18). Por isso, tendo ele um espírito ambicioso, desdenhou [do fato de] que seu primo foi escolhido como sumo-sacerdote, e não ele. Por isso, reúne muitos dos príncipes para ter parte com ele, intentando retirar de *Arão* pela mão forte a dignidade do sacerdócio, que o Senhor havia conferido sobre ele. *Datã* e *Abirão* eram de outra tribo, a tribo de *Rúben*. Esses, como é provável, tinham outro objetivo, e esse era o governo civil principal, no qual Deus colocou *Moisés*. Sendo *Rúben* o filho mais velho de *Israel*, esses dois irmãos [*Datã* e *Abirão*] eram menos que sobrinhos para *Rúben*, três gerações abaixo dele, e imaginaram que, vindo eles do filho mais velho, deveriam ser os chefes sobre todos (Nm. 26.5, 8, 9). Dessa maneira, tendo nenhuma consideração quanto à escolha que Deus tinha feito em relação a *Moisés* e *Arão*, eles desejam se introduzir em posições de eminência. O Senhor foi desprezado de modo tão elevado nisso que, com dois julgamentos terríveis, os destruiu, bem como aqueles que tomaram parte com eles. A terra abriu repentinamente e tragou alguns deles que estavam vivos, e o fogo queimou repentinamente sobre outros e os destruiu. Foram registrados expressamente *duzentos e cinquenta* que foram consumidos pelo fogo (Nm. 16.35). Não é expresso quantos foram engolidos pela terra, mas pode se conjecturar que foi uma grande multidão.

Esse foi o assunto de *Corá* aqui mencionado. *Corá* foi o cabeça de todos, pois ele é o primeiro mencionado na conspiração (Nm. 16.1). Ele impudentemente colocou-se como o cabeça contra *Moisés* e *Arão* (v. 5), enquanto *Datã* e *Abirão* permaneceram em suas tendas (v. 12). É dito que *Datã* e *Abirão* contenderam contra *Moisés* e *Arão* na conspiração de *Corá* (Nm. 26.9). Desse modo, a conspiração foi a especialidade de *Corá*. Ele foi o principal conspirador. O *caso* aqui, portanto, compreende tanto a terra tragando a alguns, como o fogo consumindo a outros.

As pessoas que pereceram pelo abrir da terra e irromper do fogo são mencionadas como *mortos no caso de Corá*, pois a ambição dele, sendo a primeira razão daquela rebelião, foi a causa do pecado e julgamento deles. Dessa maneira, a morte deles é imputada a ele. Eles morreram no objetivo dele, *no caso dele*.

A suma desse verso é: *uma declaração da severidade da indignação de Deus; o que é*

1. Proposta no número daqueles que morreram dessa praga: 14.700.

2. Agravada por outros julgamentos terríveis executados no dia anterior: *“além dos que morreram no caso de Corá”*. Aqui nós temos:

I. Uma comunicação geral dos julgamentos: *“além dos que morreram”*.

II. Uma manifestação da causa original de tudo: *“o caso de Corá”*.

O primeiro ponto mostra que:

I. *Uma praga pode destruir rapidamente uma multidão.*

O agravamento indica que os outros julgamentos, que foram infligidos sobre o povo no dia anterior, dão a evidência de que,

II. *Deus pode destruir os homens por muitos meios.* Ele destruiu alguns abrindo a própria terra; consumiu outros pelo fogo; além daqueles 14.700 que morreram pela praga.

A maneira de expressar os julgamentos anteriores por meio da relação com *Corá* dessa maneira: “no caso de *Corá*” dá a prova de que,

III. *O sangue dos relacionados cai sobre os principais.* O caso de *Corá* provocou a morte do povo.

Na morte de outros no mesmo caso, temos um exemplo além de que,

IV. *Os relacionados tornam-se sujeitos ao julgamento que cai sobre o principal.*

§ 71. DO DEVORAR DA PRAGA.

I. *Uma praga pode destruir rapidamente uma multidão*⁶⁵. Aqui, **U** em menos de um dia, 14.700 foram destruídos por uma praga. Antes dessa, há a menção de uma praga que, embora o número preciso daqueles que morreram não seja expresso, pode se pensar ter destruído tantos quanto essa praga, pois é dito que “o Senhor feriu o povo com uma praga muito grande” (Nm. 11.33). Após essas [duas pragas] (mas antes que saíssem do deserto), 24.000 morreram de uma só vez de outra praga (Nm. 25.9). No tempo de *Davi*, no espaço de três dias, morreram da praga quase três vezes o número de 24.000, a saber, 70.000 (2 Sm. 24.15). No tempo de *Ezequias*, quando *Senaqueribe* veio contra *Jerusalém*, morreu da praga, em uma noite, mais do que o dobro do exército de *Senaqueribe*, como se fez nos três dias mencionados, a saber, 180.000 (2 Rs. 19.35). Outras histórias relatam destruições grandiosas causadas pelas pragas.

Tucídides faz menção de uma praga que começou na *Etiópia*, recaiu sobre o *Egito* e *África*, e sobre a maior parte da *Pérsia* e invadiu *Atenas* repentinamente, onde homens mortos caíam uns sobre os outros⁶⁶. Seus templos ficaram cheios de pessoas mortas. As leis para funerais foram quebradas; todos enterravam onde encontrassem espaço. E, enquanto o fogo era aceso para queimar alguns corpos mortos, outros eram trazidos e lançados dentro.

Eusébio registra uma praga em *Alexandria* a qual fez com que todos os homens gritassem pela cidade em razão da multidão de corpos mortos, os quais caíam diariamente⁶⁷. Não havia uma casa onde um túmulo não fosse encontrado. E os pagãos deixavam seus mortos sem o sepultamento para serem devorados pelos cães.

Em *Roma*, quando *Camilo* morreu, dez mil pessoas morriam pela praga todos os dias⁶⁸. E, sob os imperadores *Vespasiano* e *Cómodo*, dois mil eram tomados todos os dias com doença infecciosa.

Sob *Justiniano*, uma praga com tal violência recaiu sobre *Bizâncio* e suas fronteiras, de modo que todos os dias morriam cinco mil e, em alguns dias, dez mil⁶⁹.

Em *Constantinopla*, uma praga trouxe trezentas mil pessoas⁷⁰.

Sob *Carlos IV*, uma praga epidêmica assolou o mundo inteiro por três anos seguidos⁷¹. Em *Lubeck*, ela destruiu noventa mil, e em *Florença*, cem mil.

No período de *Petrarca*, uma praga mui violenta invadiu a *Itália*, de modo que sobreviveram dez a cada mil⁷².

66 - Lib. 2. Belli Pelopon, anno secundo.

67 - Ecclesiast Hist. lib. 7, cap. 21.

68 - Heurm. de peste. cap. 1.

69 - Alsted. in Thesaur. Chronol. Mirab. Dei. an. 547.

70 - Idem. Ibid. an. 729

71 - Idem. Ibid. an. 1348

72 - Idem. Ibid. an. 1359

Porém, deixando de lado os exemplos estrangeiros, daremos alguns exemplos das multidões daqueles que foram devorados pela praga em nosso próprio país.

No reino de *Eduardo II*, havia uma mortalidade tão grave entre o povo, que os mortos eram rapidamente sepultados⁷³.

No reino de *Eduardo III*, uma praga ainda maior ocorreu⁷⁴. Ela veio além do mar até as cidades e partes da *Inglaterra* que estão na costa de *Dorsetshire*, nas quais, assim como em outros países, ela fez com que a região ficasse vazia de habitantes, de modo que quase ninguém sobreviveu. De lá, ela passou até *Devonshire* e *Somersetshire*, até mesmo em *Bristow*, onde se tornou ainda mais violenta. Ela também chegou até *Glocester*, *Oxford* e *Londres*, e, finalmente, se espalhou sobre toda a *Inglaterra*, e assolou o povo de tal modo que apenas um décimo dos homens foi deixado vivo. Quando os terrenos das igrejas não eram grandes o suficiente para enterrar seus mortos, escolhiam certos campos designados a esse propósito. Por isso, em *Londres*, um pedaço de terra chamado *Spittle Croft*⁷⁵, contendo 13 acres⁷⁶, sem os muros de *West-Smithfield*, foi comprado, delimitado e dedicado⁷⁷. No ano seguinte, foram enterrados naquele lugar mais de cinquenta mil pessoas. É dito que duas mil pessoas foram enterradas todos os dias, desde 1º de fevereiro até o início de maio daquele mesmo ano, além daqueles que foram enterrados em outros lugares dentro e ao redor da cidade⁷⁸. Em *Norwich*, desde 1º de janeiro até julho, morreram daquela praga cinquenta e sete mil cento e oitenta, e em *Yarmouth*, sete mil e cinquenta e dois.

73 - Stow na sua *Chron. of Engl.* an. 9, Edw 2.

74 - Idem. *Ibid.* an. 22 & 33, Edw. 3

75 - N.T.: Em uma tradução livre, seria algo como "o campo do cuspe".

76 - N.T.: "Acre" é uma unidade antiga para medir terras. Cada Acre contém 4.000 m². Sendo assim, 13 acres totaliza algo em torno de 52.000 m².

77 - Charter-House foi construída posteriormente sobre.

78 - Acts & Monum. an. Edw. 3.22. An. Dom. 1348.

No período de *Ricardo II*, uma grande pestilência esteve em *Norfolk* e em outras regiões. Além de em outros lugares, em um curto período, morreram dela, na cidade de *York*, onze mil⁷⁹.

Sob *Eduardo IV*, uma companhia inumerável de pessoas morreu da praga em *Londres*, e em diversas outras partes do reino⁸⁰.

No reino de *Henrique VIII*, houve tal praga, de modo que, em um edifício, a saber, o *Minories without Aldgate*, morreram 27 que se professavam como *Nunnes*, além dos leigos e servos naquela casa⁸¹.

No reino de *Eduardo VI*, também houve uma grande pestilência⁸².

No período da rainha *Elizabeth*, sendo enviados muitos ingleses até *New Haven* para a sua guarda, houve tal praga, de modo que as ruas ficaram repletas de corpos mortos, não sendo possível serem removidos por razão da multidão que pereceu⁸³. A partir disso, os soldados trouxeram a infecção até a *Inglaterra*. Além desses que morreram em outras partes do reino, também morreram nos limites de *Londres* e nas paróquias fora da cidade, de 01 de janeiro de 1562 até 31 de dezembro de 1563, vinte mil cento e trinta e seis, além daqueles que morreram de outras doenças. Novamente, de 29 de dezembro de 1592 até 20 de dezembro de 1593, em *Londres* e em seus limites, morreram 17.893 de toda sorte de doenças e 10.673 da praga.

No primeiro ano do rei *Tiago*, de 23 de dezembro de 1602 até 22 de dezembro de 1603, em *Londres* e em seus limites, morreram de toda sorte de doenças 38.578. Da praga, 30.578.

79 - Stow. em sua *Generall Chro. Rich.* 2.15, An. Dom. 1391

80 - Ibid. Edw. 4.18, An. Dom. 1479

81 - Ibid. Hen. 8.5, An. Dom. 1513

82 - Ibid. Edw. 6.2, 1548

83 - Ibid. Q. Eliz. anno 4.

No primeiro ano do rei Carlos, de 22 de dezembro de 1624 até 23 de dezembro de 1625, de toda sorte de doenças 54.267. Da praga, 34.417.

Foi provado anteriormente que uma praga é um efeito da ira de Deus, um golpe imediato vindo da Sua mão. Portanto, tal golpe necessariamente deve ser pesado e destruir a muitos no lugar onde inflamar, especialmente quando o Senhor fere de tal modo, pois mostrará que está irado.

§ 72. DO TERROR DE UMA PRAGA.

Oh! Não desprezes a praga; não trates de modo leviano. Se tivermos as vidas dos homens, mulheres e crianças como preciosas⁸⁴, podemos pensar que aquilo que remove a vida de muitos deve ser tomado como uma coisa terrível. Eu não nego que, em alguns aspectos, a *guerra* e, em outros aspectos, a *fome* são mais terríveis do que a *pestilência*, o que fez com que *Davi* a escolhesse, no lugar das duas outras (2 Sm. 24.14). Contudo, se uma praga se tornar mais forte, ela é um julgamento temível e terrível. Por ela, pais que tinham muitos filhos, como plantas de oliveira ao redor de sua mesa [Sl. 127.3], foram desfilhados. Por ela, pais, filhos, maridos, esposas, senhores, servos, casas inteiras foram tragados em um período de tempo mui curto. De fato, ruas, vilas e cidades foram desoladas por meio dela. Sobre alguns, ela chega mais levemente e os toma sem qualquer dor ou ardor extraordinário; sobre outros, ela recai mais violentamente, lançando-os em crises ardentes extremas, prejudicando o cérebro, desorientando o entendimento, tornando coléricos e delirantes aqueles que são afetados por ela, buscando todos os caminhos para se

84 - Sobre quão preciosa é a vida, já foi anteriormente declarado no §64.

afastarem dela. A lamentável experiência tem dado provas mui evidentes disso. Além disso, por razão do contágio e infecção dessas doenças, amigos queridos são afastados uns do outros, e aqueles que são visitados pela praga são privados de muitos auxílios externos e consolos internos que, de modo contrário, poderiam ter. Por fim, aqueles que morrem dessa doença são, em sua maior parte, privados da honra de um funeral decente e solene; o qual, caso contrário, poderiam ter; um ponto que o próprio Deus ameaçou como um julgamento (Ec. 6.3; Jr. 22.18, 19); e promete um enterro honroso e digno, como uma bênção (1 Rs. 14.13; Jr. 34.5). Nesses e em muitos outros aspectos, uma praga deve justamente ser considerada um julgamento terrível, o que deveria nos fazer temer mais provocar a ira daquele que tem o poder sobre as pragas, para enviá-las quando desejar, para continuá-las por quanto tempo desejar, e para torná-las tão cruéis e violentas quanto desejar⁸⁵.

§ 73. *DOS MUITOS MEIOS QUE DEUS TEM PARA DESTRUIR OS HOMENS.*

II. *D*eus pode, de várias formas, destruir os homens⁸⁶. Muitas, muitas são as formas que são registradas na Escritura, e, além disso, as muitas outras formas que têm sido experimentadas em todas as épocas dão evidência disso. Lemos que água caiu do céu e submergiu o mundo inteiro (Gn. 7.11); e fogo e enxofre, destruindo quatro cidades, de uma só vez (Gn. 19.24); e grandes pedras que mataram os exércitos dos homens (Js. 10.11); e os grandes raios e relâmpagos, pelos quais os exércitos dos

85 - Veja mais sobre esse ponto em §49, 51.

86 - Veja §70

inimigos têm sido frustrados (1 Sm. 7.10); de fato, raios ardentes (Sl. 78.48); as estrelas em seus cursos e os anjos de Deus destruíram muitos. (Sl. 35.5, 6; 2 Sm. 24.16; 2 Rs. 19.35). O Senhor tem enviado do céu todos esses meios de destruição e muitos outros. Sobre a terra, Ele pode levantar homens contra homens para destruírem uns aos outros, o que é mais comum. Ele pode levar as *bestas* (Ez. 14.15) e serpentes (Jr. 8.17), sim, extraordinárias serpentes ardentes (Nm. 21.6) e rãs (Êx. 8.6), piolhos (v. 17), moscas (v. 24), gafanhotos (10.13), e outros inumeráveis tipos de criaturas. Quantos tipos de doenças Deus tem, em todas as épocas, levantado para afligir e destruir os homens? Qual médico pode reconhecer todas elas? Deus pode fazer de todos os elementos instrumentos para consumir os homens e toda sorte de criaturas; de fato, Ele pode fazer novas criaturas para serem Seus flagelos. Leia, em particular, as diversas maldições citadas por *Moisés* (Lv. 26.16, etc.; Dt. 28.16, etc.), e encontraremos justa causa para dizer: *Deus pode destruir os homens por muitos meios.*

Deus é Senhor supremo e absoluto sobre todas as coisas, e pode tanto dispô-las para aquela obra e serviço que Lhe agrada, como também capacitá-las para efetuar qualquer coisa para a qual Deus as estabeleceu. De modo que aquilo que deseja destruirá, e será destruído como Ele quiser. Então, de fato, o Seu divino poder é especialmente manifestado quando, por meio de coisas vis, Ele efetua grandes coisas.

O Senhor não deve ser temido? É seguro provocar a Sua ira? Aqueles que O provocam não pecam contra a Sua própria alma? Ele infligiu os julgamentos mencionados antes sobre outros e escapastes? Pensas que Deus não tem mais julgamentos na reserva, se continuares a provocá-Lo? Aqueles que não foram tragados junto com *Datã* e *Abirão*, ou não foram consumidos junto com

os cúmplices de *Corá*, estavam isentos de todos os outros julgamentos? Não foram consumidos 14.700 pela praga? Lembra-te deste agravante: “*além dos que morreram no caso de Corá*”. Lembra-te disso e treme. Tu podes escapar dessa praga e, ainda assim, perecer por outro julgamento. “*Não te regozijes [...] porque a vara do que te golpeava está quebrada, pois proveniente da cauda da serpente surgirá uma cocatrice e seu fruto será uma flamejante serpente voadora. [...] Temor, a cova e a armadilha estão sobre ti, ó habitante da terra. E acontecerá, que o que foge do grito de pânico cairá dentro da cova, e o que sair do meio da cova será apanhado na armadilha*” (Is. 14.29; 24.17, 18). Cada um estimula a chama para si mesmo segundo a qualidade do seu pecado.

§ 74. DO SANGUE DE OUTROS QUE OS PRINCIPAIS TRAZEM SOBRE SI MESMOS.

III. **O** sangue daqueles que estão relacionados recaem sobre os principais⁸⁷. O diabo é o *principal* príncipe de todos os pecadores. Ele mesmo, no princípio, pecou; ele, no princípio, tentou e conduziu o homem ao pecado. Assim é dito sobre ele: “*um homicida desde o princípio*” (Jo. 8.44). Ora, um assassino toma sobre a sua própria cabeça o sangue daqueles que são assassinados. A mulher que tentou *Adão* a pecar, é mencionada ter feito isso “*em transgressão*” (2 Tm. 2.14), através do que implica, entre outras coisas, que o seu próprio sangue e o de seu marido recaíram sobre ela. A maneira como *Jeroboão* é descrito (“*o qual fez Israel pecar*” - 2 Rs. 10.31), mostra que ele foi o *principal* na deserção das dez tribos; por conta disso, a sua punição foi correspondente (1

Rs. 15.29); e o fato dele causar outros a pecarem é trazido como uma razão da severidade da sua punição (v. 30). Porque *Davi* foi o principal no assassinato de *Urias*, o seu sangue recaiu especialmente sobre a responsabilidade de *Davi* (2 Sm. 12.9, 10). As desolações que ocorreram sobre *Jerusalém*, após o período de *Manassés*, são ditas ter ocorrido “*pelos pecados de Manassés*” (2 Rs. 24.3), que foi o cabeça principal daquelas abominações nas quais continuaram até o cativo, enquanto que o bom *Josias* fez o que pôde por uma reforma completa (Jr. 3.6; 25.3).

Objecção. *Manassés* se arrependeu e o seu pecado foi perdoado (2 Cr. 33.12, 13). Então, como ele poderia trazer o sangue de outros sobre a sua própria cabeça?

Resposta: O perdão de Deus sobre o pecado não atenua o pecado, e a Sua remoção do sangue sobre a alma do homem não implica que aquele homem nunca trouxe sangue sobre a sua alma, antes, o contrário, aquilo que não está sobre o homem não pode ser retirado dele.

O ponto principal permanece justo e em equidade, que aqueles que não somente pecam individualmente, mas também arrastam outros ao pecado juntamente, carregarão a punição de seus próprios pecados e de outros. Pois nestes outros ele peca. Eles são como seus instrumentos. Se um homem não somente inventar e maquinar o pecado em sua mente, mas também executá-lo com seu corpo e suas partes, ele atrai uma vingança ainda maior. Desse modo, ele amontoa mais vingança contra a sua própria alma, se proceder para arrastar outros também ao pecado. Esses vários graus manifestam uma disposição miserável ainda maior, agravam ainda mais o seu pecado, inflamam ainda mais a ira de Deus, e, assim, provocam uma vingança ainda maior.

“Portanto, ó reis, sede sábios; sede instruídos, vós juízes da terra” [Sl. 2.10]. Todos vós que estais em posição de eminência, sobre os quais muitos olhos observam, cujo exemplo muitos estão prontos a seguir, e sob cuja palavra muitos são rapidamente movidos para isso ou aquilo, sejais cautelosos quanto ao pecado que vós mesmos cometeis, quanto a como manifestais qualquer aprovação ao pecado, quanto a como dais qualquer favor para com o pecado. Não abuseis de vossa autoridade para ordenar qualquer pecado, como fez *Absalão* (2 Sm. 13.28). Não abuseis de vossa destreza para forjar e aconselhar o pecado, como fez *Aitofel* (2 Sm. 16.21). Não abuseis de vossa eminente posição, tornando-vos um exemplo e padrão no pecado, como fez *Manassés* (2 Cr. 33.9). Não abuseis desta graça que tendes junto à multidão, para persuadi-la a pecar, como os *sacerdotes* e *anciãos* fizeram entre os judeus (Mt. 27.20). Não abuseis do temor e respeito que vossos inferiores têm a vós, para compeli-los a pecar, como fez *Nabucodonosor* (Dn. 3.1, etc.). Não abuseis desta dependência que o povo tem de vós, oh ministros!, chamando o bem de mal, fortalecendo os ímpios, assim como fizeram os falsos profetas (Jr. 23.14). Por esses meios e outros similares, por meio dos quais arrastais outros ao pecado, fazeis vós que o sangue daqueles outros estejam sobre vossas próprias almas. Ora, não ter somente o seu próprio sangue, mas também o sangue de outros repousando sobre si é uma condição mui terrível. Dessa maneira, ele não somente conduz aqueles que estão sob ele até a eterna destruição, mas também imerge a si mesmo mais profundamente no fogo do inferno. Pois todos esses pecados que outros cometem por causa dele são como muitos fardos pesados sobre a sua alma, pressionando-a para baixo, até o tormento eterno.

Isso não excetua aos outros que assim se pervertem, como se devessem seguir impunes, pois, nesse texto, foi mostrado que IV. *os relacionados tornam-se sujeitos ao julgamento que cai sobre o principal*⁸⁸.

FIM

88 - Esse ponto é tratado em *A Conquista da Igreja*, em Êx. 17.13, §59